

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO  
CURSO DE BACHARELADO EM GASTRONOMIA

**LETÍCIA MADEIRA DE CASTRO SANTOS**

**“A mulher é mais delicada”: um estudo sobre a associação da figura feminina à área de  
confeitaria profissional**

RIO DE JANEIRO

2019

LETÍCIA MADEIRA DE CASTRO SANTOS

**“A mulher é mais delicada”: um estudo sobre a associação da figura feminina à área de confeitaria profissional**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Nutrição Josué de Castro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharela em Gastronomia.

RIO DE JANEIRO

2019

## CIP - Catalogação na Publicação

SS237? Santos, Letícia Madeira de Castro  
"A mulher é mais delicada": um estudo sobre a  
associação da figura feminina à área de confeitaria  
profissional / Letícia Madeira de Castro Santos. --  
Rio de Janeiro, 2019.  
74 f.

Orientadora: Daniela Alves Minuzzo.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto  
de Nutrição Josué de Castro, Bacharel em  
Gastronomia, 2019.

1. Gastronomia. 2. Confeitaria. 3. Feminismo. 4.  
Divisão sexual do trabalho. 5. Cozinha  
profissional. I. Minuzzo, Daniela Alves, orient.  
II. Título.

LETÍCIA MADEIRA DE CASTRO SANTOS

**“A mulher é mais delicada”: um estudo sobre a associação da figura feminina à área de confeitaria profissional**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Nutrição Josué de Castro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharela em Gastronomia.

---

Professora Orientadora: Daniela Alves Minuzzo

---

Professora Avaliadora: Marcella Sulis

---

Professora Avaliadora: Verônica Mattoso

“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.”

Simone de Beauvoir

## AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é direcionado a todas as mulheres incríveis que contribuíram e contribuem de alguma forma para que a nossa história tenha cada vez menos desequilíbrio em relação à história dos homens. Ser mulher é uma luta diária, e somos postas à prova em qualquer situação pelo simples fato de sermos nós; por isso reconheço e agradeço todo ato de coragem daquelas que enfrentaram e enfrentam o mundo por um pouco mais de espaço e voz. Existem muitas por aí, mas meu agradecimento se direciona, nesse momento, principalmente a todas as mulheres incríveis que eu tive o prazer de conhecer cursando Gastronomia na UFRJ: Anna Deodato, Tamires Christine, Jeniffer Castro, Carol Guimarães, Natasha de Oliveira, Tatiane Canuto e Mari Costa.

Agradeço aos meus pais, Maria Teresa Madeira e Luiz Paulo de Castro Santos, que desde sempre fazem o impossível para que eu cresça em meio ao conhecimento e à vontade de aprender, me instigam a conhecer quem eu sou e quem eu posso ser, e nunca se mostraram contrários ao caminho que eu escolhi seguir. Não há agradecimento suficiente para todo o suporte que eu recebi durante toda essa trajetória.

Agradeço à minha orientadora, Daniela Alves Minuzzo, mulher inspiradora que aceitou seguir junto comigo nessa etapa final da faculdade de gastronomia e se mostrou sempre disposta e presente, incentivando a minha pesquisa e acreditando no meu trabalho e no meu potencial. Eu não poderia ter uma orientação melhor nessa reta final.

Às professoras Marcella Sulis e Verônica Mattoso, que aceitaram fazer parte da minha banca de avaliação, e foram figuras importantes durante todo o meu processo de formação na UFRJ, assim como os professores Marcos Kalil, Joyce Cafiero e Camila Coura, que contribuíram não somente para o meu crescimento profissional, mas principalmente pessoal.

Agradeço aos meus amigos Carol Sordillo e Lucas Lobato, que são responsáveis por grande parte do que eu procuro investigar e conhecer na vida. Eles são o meu maior suporte em todas as questões que envolvem o feminismo e a comunidade LGBT, sempre me fazendo pensar e evoluir, e sem eles eu talvez não tivesse chegado a um ponto em que sentisse a necessidade de falar sobre o feminismo, por ter virado uma temática tão importante para mim.

Aos meus maiores presentes da UFRJ, Monique Mattos e Vitória Curty, que se tornaram pessoas indispensáveis durante toda a minha trajetória permeada de dúvidas e questionamentos, e estiveram comigo no melhor e no pior que essa faculdade pôde me proporcionar.

À minha namorada, Danielle Brito, que tem minha eterna gratidão por todos os momentos em que duvidei de mim e que ela sempre fazia questão de lembrar-me que tudo iria fluir e acontecer no tempo certo. Agradeço por todo o suporte, carinho e cuidado que teve comigo em um dos momentos mais importantes da minha vida.

SANTOS, Letícia Madeira de Castro. (“A mulher é mais delicada”: um estudo sobre a associação da figura feminina à área de confeitaria profissional) 2019. 75p. TCC (Graduação) - Curso de Gastronomia, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

## **RESUMO**

O trabalho tem como principal objetivo analisar a associação feita entre a figura feminina e a área de confeitaria profissional, observando as características dessa área de atuação e as do que seria o perfil “natural” da mulher. Resgatando a história da confeitaria e discutindo questões de gênero e construção da mulher, tornou-se possível uma análise acerca da presença do machismo dentro da área da cozinha profissional, além da construção de um questionário que foi aplicado em quatro mulheres e três homens, totalizando sete entrevistas, todas com profissionais da área de cozinha e confeitaria. O conteúdo das entrevistas foi utilizado como forma de investigar e embasar os pontos destacados nesse estudo. Pela análise de conteúdo das falas das pessoas entrevistadas, verificaram-se questões relativas à divisão sexual do trabalho, às questões de raça dentro do feminismo, à associação do homem confeito à homossexualidade, além de tópicos discutidos nas obras de Pierre Bourdieu, como o poder simbólico, a violência simbólica e o *habitus*.

**Palavras-chave:** confeitaria, feminismo, cozinha profissional, divisão sexual do trabalho.



SANTOS, Letícia Madeira de Castro. (“The woman is more delicate”: a study about the association of the female figure and the professional confectionary arts) 2019. 75p. TCC (Graduação) - Curso de Gastronomia, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

## **ABSTRACT**

The main objective of this study is to analyze the association made between the feminine figure and the field of professional confectionary arts, observing the characteristics of this area and those which are considered the “natural” profile of the woman. Rescuing the history of the confectionary arts and joining it with a discussion of gender issues and the construction of the female image, it became possible to conduct an analysis in relation to the presence of machismo within the professional kitchen, and to formulate a questionnaire that was answered by four women and three men, all professionals of the kitchen and pastry areas, totaling seven interviews. The content of these interviews was used as a way of investigating and theorizing the points highlighted in this study. Through an analysis of the interviewees responses, questions were raised regarding the sexual division of labor, issues of race within feminism, and the association of male pastry chefs with homosexuality, as well as topics discussed in the works of Pierre Bourdieu, including symbolic power, symbolic violence and the *habitus*.

**Keywords:** confectionary arts, feminism, professional kitchen, sexual division of labor.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	13
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	13
<b>4. JUSTIFICATIVA</b> .....	15
<b>5. A CONFEITARIA</b> .....	15
5.1.Breve histórico.....	15
5.2.Personalidades marcantes.....	19
5.3.Mulher como confeitaria: a associação dos padrões sociais à confeitaria.....	20
<b>6. MULHERES NA SOCIEDADE, NA GASTRONOMIA E NA CONFEITARIA</b> .....	24
6.1.Gênero.....	24
6.2.A construção da mulher.....	29
6.3.Relação entre raça e gênero.....	36
6.4.Divisão sexual do trabalho.....	38
6.5.Machismo e divisão sexual no ambiente da cozinha profissional.....	45
<b>7. ENTREVISTAS, ANÁLISES E RESULTADOS</b> .....	48
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>9. REFERÊNCIAS</b> .....	62
<b>10. APÊNDICES</b> .....	71

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.....	48
---------------	----

## INTRODUÇÃO

O debate a respeito de equidade de gênero e divisão sexual do trabalho vem ganhando força nos últimos anos, gerando questionamentos e discussões acerca do tema. Ser identificado enquanto pertencendo aos gêneros feminino ou masculino significa carregar uma gama de pressuposições e responsabilidades que desconsideram a vontade particular do indivíduo, além de gerar um ambiente permeado pela desigualdade, segundo Carloto (2001, p.202). Se por um lado o espaço da mulher vem aumentando cada vez mais no mercado de trabalho, por outro, ainda é evidente a diferença salarial, de cargos e de área de atuação entre os gêneros, reforçando a ideia de que existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres, como explica Hirata e Kergoat (2007, p.599). Dessa forma, compreender as dimensões envolvidas nas razões que levam a essa separação, torna-se cada vez mais relevante.

A construção da figura feminina, assim como da masculina, provém da esfera cultural, e é um processo contínuo. Observando a frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, escrita por Simone de Beauvoir há mais de cinquenta anos, é possível entender que os papéis de gênero são construções sociais e fazem parte de um processo “minucioso, sutil, sempre inacabado” (LOURO, 2008).

Ainda que teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente. (LOURO, 2008, p.18)

Historicamente, o homem foi tido como a figura central e que servia para representar o ser humano como um todo por uma perspectiva universal. Além de construir a narrativa da figura masculina, construiu-se também a da figura feminina, tornando a mulher um ser invisível em relação ao homem e denotando valores de diferenciação para ambos os sexos a partir da alteridade. A mulher, constantemente associada ao lar e, conseqüentemente, à figura de “mãe” e “esposa”, era vista como um perigo no espaço público. Sendo assim, “foi necessária muita criatividade para inventar a mulher como um sujeito autônomo”, uma vez que tudo aquilo que se referia ao ser humano como um todo tinha como base a figura masculina (COLLING, 2004, p.13).

Considerado um espaço exclusivamente feminino durante muitos anos, a cozinha de casa era (e, muitas vezes, ainda é) comandada pela mulher, que tinha como função cozinhar para a família e cuidar da casa enquanto o homem ocupava os ambientes externos, trabalhando fora do lar. Na esfera doméstica, a área da cozinha era destinada à mulher, mas, quando a cozinha passou a se tornar um ambiente profissional e de prestígio, o cenário observado no ambiente privado não se manteve. Segundo Resende e Melo (2016):

O espaço público é destinado ao homem considerado responsável pela provisão da família, e às atividades no domínio público, que refletem a sua virilidade, força, coragem, autonomia e superioridade; e o privado destinado à mulher, que são designadas às atividades realizadas no espaço doméstico e em atividades consideradas inferiores socialmente (RESENDE; MELO, 2016, p.1, apud FACINA; SOIHET, 2004, DEVREUX, 2005, CROMPTOM; LYONETTE, 2011).

Ambos os gêneros sempre estiveram envolvidos na preparação de alimentos, porém, em espaços diferentes. Os homens ocupando cargos de prestígio e liderança (como, por exemplo, o cargo de chef), enquanto as mulheres eram vistas apenas como cozinheiras (RESENDE; MELO, 2016, apud BARBOSA, 2012).

Diante dessa realidade, segundo Resende e Melo (2016, apud BOURDIEU, 2007), é possível perceber uma relação de domínio por parte do homem sobre a figura feminina, pautada na chamada violência simbólica, que reafirma e consolida a dominação masculina na sociedade. Tal realidade se dá como reflexo da construção histórica de uma visão baseada no androcentrismo, onde a dominação masculina não requer justificativa e, portanto, é tida como natural, limitando a participação feminina em diversos aspectos.

Segundo Swinbank (2002), existe um dualismo entre a construção da figura feminina e da masculina que acaba por associar a mulher com a natureza e o homem com a cultura. A capacidade reprodutiva da mulher lhe conferiria, hipoteticamente, uma habilidade mais instintiva, inconsciente e cuidadosa de exercer seu papel, ao contrário do homem, que se alinharia a um lado muito mais racional e consciente. Sendo assim, atividades exercidas por um homem, mesmo consideradas femininas, receberiam muito mais prestígio e valor quando exercidas pela figura masculina. A exemplificar, o ato de cozinhar.

Dessa forma, apesar da presença feminina nas cozinhas profissionais, esse espaço de trabalho ainda é pautado em uma cultura machista que segrega o homem e a mulher e, por

isso, volta a reforçar a ideia de que, como explicita Resende e Melo (2016, apud BOURDIEU, 2007), existem trabalhos considerados adequados para cada gênero. O trabalho culinário ainda se dá por uma hierarquia provinda da esfera doméstica, e a mulher, no geral, ocupa cargos de menor prestígio e valor (BRIGUGLIO, 2017, apud COLLAÇO, 2008).

Há, portanto, segundo Briguglio (2017), uma divisão sexual do trabalho entre as praças (divisões de áreas de trabalho na cozinha profissional) e postos de trabalho na organização da cozinha profissional. Essa separação de funções é notória e ressaltada por diversas mulheres atuantes na área, uma vez que são comumente associadas a características emocionais, enquanto os homens a características racionais.

Em sua pesquisa, as autoras Resende e Melo (2016) fizeram uma análise por meio de entrevistas semiestruturadas com nove chefs mulheres atuantes no município de Belo Horizonte com o objetivo de explorar as temáticas de dominação masculina e divisão sexual do trabalho dentro do ambiente da cozinha. Em uma das respostas concedida por uma entrevistada, é possível observar as características associadas a cada gênero, com a sensibilidade sendo relacionada à mulher e a firmeza ao homem.

Chef mulher, por exemplo, pela característica feminina às vezes eu acho que ela é mais sensível. E é uma área que às vezes ela tem que ser dura, exige dela uma postura mais firme você tem que engrossar um pouco (...) Sim, uma postura masculina (E9) (RESENDE; MELO, 2016)

A feminilidade relaciona-se ao trabalho leve, que exige paciência e minúcia (RESENDE; MELO, 2016, apud HIRATA; KERGOAT, 2008), e, por isso, é interessante observar a ligação entre a figura feminina e a confeitaria, que, segundo Briguglio (2017), “demandam um tipo de trabalho associado às características ‘naturais’ das mulheres, como a delicadeza, a paciência, o cuidado e a atenção aos detalhes”.

A partir dessas considerações, é possível identificar o machismo como esfera dominante dentro do ambiente da cozinha. Apesar de ser um ambiente em que os padrões sociais e de beleza impostos à mulher são quebrados (não é permitido usar maquiagem, cabelo solto, acessórios, pintar as unhas; é preciso ter força física, equilíbrio emocional, agilidade), ainda assim há a segregação de funções baseada nas relações de gênero.

O trabalho desenvolvido e apresentado a seguir tem como objetivo discutir as questões apresentadas acima, abordando tópicos relacionados a construção dos gêneros (mais

especificamente da mulher), o machismo e sua relação com o ambiente da cozinha profissional.

### **OBJETIVOS GERAIS**

- Investigar as relações de gênero na cozinha profissional, em especial na confeitaria profissional, a partir da associação com padrões sociais do feminino.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Investigar as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho na cozinha e confeitaria profissionais;
- Investigar o histórico da confeitaria profissional e sua relação com padrões sociais femininos e a divisão sexual do trabalho;
- Elaborar roteiro de entrevista sobre o perfil dos entrevistados e as dimensões das relações de gênero na cozinha e confeitaria profissionais;
- Investigar, através de entrevistas com homens e mulheres que trabalham na cozinha e confeitaria profissionais, as relações de gênero no ambiente de trabalho;
- Analisar as questões de gênero quanto à construção social dos padrões sociais no mercado da gastronomia profissional.

### **METODOLOGIA**

O referencial teórico foi estruturado por meio de uma pesquisa bibliográfica no tema geral de alimentação e feminismo, durante o período de 18 de março de 2018 à 27 de maio de 2019, com pesquisas feitas a partir de livros da área e artigos de bases indexadas como o Periódicos Capes. Foram utilizadas, para essa busca, as seguintes palavras-chave: gastronomia, confeitaria, feminismo, gênero, mulher, machismo, cozinha profissional e divisão sexual do trabalho.

A etapa de revisão bibliográfica foi de cunho qualitativo por se tratar de uma pesquisa que tem como objetivo a compreensão do fenômeno no contexto em que ele ocorre e do qual faz parte (GODOY, 1995), tendo como preferência o estudo das relações complexas, e não o isolamento de variáveis como forma de explicá-las (GHÜNTER, 2006, apud FLICK E COLS., 2000).

A investigação sobre o papel da mulher na cozinha profissional e sua relação com a confeitaria foi feita, também, através de uma pesquisa de campo, na qual foram realizadas entrevistas com profissionais mulheres e homens atuantes da área de alimentação na cidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de retratar suas experiências que, junto ao referencial teórico, direcionou a resposta indagada pelo trabalho.

As entrevistas foram realizadas com sete profissionais atuantes em diferentes áreas da gastronomia, sendo quatro mulheres e três homens (identificados ao decorrer do trabalho como M1, M2, M3, M4, H1, H2 e H3), todos moradores da cidade do Rio de Janeiro.

A escolha dos entrevistados ocorreu por meio de contato com diversos estabelecimentos gastronômicos pela rede social *Instagram*, além de indicações de pessoas que trabalham na área, utilizando a metodologia “bola de neve”. A técnica metodológica “bola de neve” (ou *snowball*) é “utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto” – que é chamado também de “ponto de saturação” –, e ocorre quando não há mais agregação de conteúdos relevantes à pesquisa por conta de uma repetição nas informações das entrevistas (BALDIN; MUNHOZ, 2011 apud WHA, 1994). Tanto a seleção dos entrevistados, quanto as entrevistas foram realizadas no ano de 2019, nos meses de março, abril e maio.

Após a seleção, as entrevistas foram marcadas de acordo com a disponibilidade dos profissionais que consentiram em participar da pesquisa de campo, com data e hora pré-agendadas. Todas as entrevistas foram realizadas no local de trabalho de cada participante, em uma hora de menor movimento e em um espaço reservado para tal atividade. Além disso, todas foram feitas de forma individual (mesmo aquelas que contavam com profissionais que atuavam em um mesmo local de trabalho) com a intenção de evitar qualquer tipo de influência nas respostas dadas pelos participantes.

Antes de iniciar as perguntas, o trabalho era explicado em maiores detalhes, enfatizando o anonimato do participante e que os fins da pesquisa eram apenas acadêmicos. Era apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido, com uma cópia para o entrevistador e uma para o entrevistado, e após a assinatura das duas vias, a entrevista dava início. O modelo do termo de consentimento se encontra no Apêndice 1. O termo de consentimento livre e esclarecido não passou pelo comitê de ética.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas com o aval de cada participante e a escolha desse método possibilitou uma análise mais minuciosa dos pontos abordados em cada uma das respostas. A transcrição foi feita de forma a relatar exatamente a fala original dos



participantes, ignorando possíveis erros gramaticais como de conjugação e plural, além de manter a forma coloquial da linguagem.

O roteiro com perguntas para a entrevista foi elaborado com base no livro “*Taking the heat: women chefs and gender inequality in the professional kitchen*” (HARRIS; GIUFFRÉ, 2015) e também com base na pesquisa realizada na etapa de revisão bibliográfica; e, conforme a entrevista se desenrolava, algumas perguntas eram acrescentadas ou retiradas de acordo com a necessidade. As perguntas procuravam investigar a visão dos participantes quanto às questões de gênero dentro da cozinha e sua relação com a confeitaria. O roteiro da entrevista se encontra no Apêndice 2.

Para as análises e conclusões, foram feitas comparações entre o referencial teórico e os pontos relevantes de cada uma das entrevistas, ressaltando as abordagens relacionadas aos temas gênero (COLLING, 2004, 2015; BUTLER, 2018), construção da mulher (COLLING, 2004, 2015; SILVA, 2000), homens e mulheres na confeitaria (RESENDE; MELO, 2016), machismo na cozinha profissional (BRIGUGLIO, 2017; CARVALHO; SORLINO, 2017), divisão sexual do trabalho (BOURDIEU, 1996, 2002; HIRATA; KERGOAT, 2007) e interseccionalidade no feminismo (NOGUEIRA, 1999; OLIVEIRA, 2010), procurando, dessa forma, responder a pergunta do tema proposto.

## **JUSTIFICATIVA**

O presente trabalho justifica-se, principalmente, nas atuais condições de trabalho dentro da cozinha profissional e nas dificuldades enfrentadas por mulheres nesse ambiente que, assim como na sociedade em geral, é pautado em uma cultura machista que segrega homens e mulheres, reforçando o ideal de que existem funções específicas para cada gênero.

Além disso, no atual momento em que vivemos as questões de gênero e o feminismo vem sendo abordados cada vez mais, criando um espaço de discussão acerca do assunto, gerando questionamentos a respeito dos padrões sociais que nos são impostos. Dessa maneira, a vasta bibliografia relacionada ao assunto permitiu uma pesquisa intensa e aprofundada, de forma a tratar do assunto com embasamento e clareza nos tópicos abordados e seus argumentos.

## **1. A CONFEITARIA**

### **1.1. BREVE HISTÓRICO**

A gastronomia faz parte da construção da identidade do indivíduo, sendo o ato de comer aquilo que proporciona o encontro do homem com o mundo (DOMINGUES, 2008, p. p.17 apud BAKHTIN, 1999, p.245), ultrapassando uma simples necessidade fisiológica e adentrando um mundo de significados (DOMINGUES, 2008, p.18). Por esse motivo, a cozinha configurou-se como um lugar em que os processos culturais e físico-químicos interagem, tornando-se “espaços que se configuram como expressão das sociedades em que os indivíduos estão inseridos” (DOMINGUES, 2008, p.19).

A palavra “*confectum*”, que vem do latim e dá origem a palavra confeitaria, “significa aquilo que é confeccionado com especialidade” (BRANDÃO; LIRA, 2011, p.105). Nos parágrafos a seguir há um breve levantamento histórico feito com o objetivo de relatar a história da confeitaria, focando-se na confeitaria na Europa e do Brasil, uma vez que são esses os nichos que possuem o maior número de estudos escritos.

A confeitaria surgiu há muitos anos, tendo relatos desde a pré-história com a produção de doces a base de mel e frutas na região da Mesopotâmia (4.000 a.C.) (SENHOR; PACHER; CRUZ, 2016, p.68, apud PACHER, 2014). Alguns exemplos desses registros são o “*mutaku*” (doce feito à base de mel, gergelim e desconfia-se que talvez um pouco de manteiga ou leite) e do Egito, e a criação de outro doce feito com discos de massa que assavam em pares, um em cima do outro (BRANDÃO; LIRA, 2011, p.105).

A primeira evidência da panificação (ramificação da gastronomia dedicada à parte de pães) surgiu antes de Cristo, com uma pasta feita a base de grãos e água que, quando levada ao forno, virava um pão chato. Mais tarde, descobriu-se que essa massa poderia passar por um processo de fermentação se exposta ao ambiente e, dessa forma, surgiu o pão levedado (SENHOR; PACHER; CRUZ 2016, p.68 apud BERGAMO, 2009).

Durante o período do Império Romano (27 a.C. – 476 d.C.), a confeitaria e a panificação sofreram grande ascensão e, conforme o império ia crescendo, os romanos descobriam cada vez mais ingredientes para usar em suas preparações, além de espalhar as bases da confeitaria por toda a Europa, que começou a preparar seus produtos com banha e manteiga, resultando em preparações mais ricas e crocantes (CURLEY W; CURLEY S, 2014, p.10).

A confeitaria francesa – referência até os dias atuais – foi aperfeiçoada pela chegada de Catarina de Médici (que se casou, em 1533, com Henrique II, futuro rei da França) e sua corte que trouxeram da Itália um grande desenvolvimento aos prazeres da mesa, além de novas técnicas ainda não utilizadas pelos franceses até aquele momento (CORÓ, 2011, p.200,

apud SENDER; DERRIEN, 2003, p.58). Ela foi a responsável por prosperar a profissão de confeitiro, uma vez que levou à França confeitiros e cozinheiros que produziam gelados e pâte à choux, além de contribuir para o aumento do consumo de amêndoas e açúcar (PACHER, 2014, p.31).

Foi no século XIX que a confeitaria na França viveu um de seus momentos mais marcantes, com Marie-Antoine Carême, que ficou conhecido como “rei dos cozinheiros e cozinheiro dos reis” (CORÓ, 2011, p.201, apud CARÊME, 2003, p.11; CORÓ, 2011, p.200, apud TOUSSAINT, 2004, p.236). Segundo Coró (2011, p.201), “ele foi inicialmente confeitiro e desde então a arte e o saber da confeitaria foram aperfeiçoados como nunca tinham sido durante os milênios precedentes”.

Carême serve Talleyrand, czares russos e até mesmo Napoleão Bonaparte. “Os jantares íntimos deveriam provocar emoções profundas e prazeres secretos. [...] A confeitaria mantinha-se como a arma secreta de toda esta estratégia” e a diplomacia francesa como grande aliada do país. (CORÓ, 2011, p.201, apud TOUSSAINT, 2004, p.225)

Foi com Carême que a precisão e a exatidão das receitas e detalhes foram estabelecidas, além do equilíbrio entre a importância da decoração e das qualidades gustativas (CORÓ, 2011, p.201, apud SENDER; DERRIEN, 2003, p.12). É a ele, também, que se deve a criação dos profiteroles e do *vol au vent* e o aperfeiçoamento da massa folhada. O *pêche melba*, por outro lado, é criação de Auguste Escoffier (CORÓ, 2011, p.201 apud TOUSSAINT, 2004, p.225).

Esse cenário de criações importantes no século XIX foi responsável por uma melhora de qualidade e produção no século seguinte, além da expansão da confeitaria francesa pelo mundo gastronômico em decorrência dos avanços tecnológicos, da sua tradição e renome, que fez com que a confeitaria francesa virasse um modelo internacional, reproduzido mundialmente (CORÓ, 2011, p.201 apud SENDER, S.G.; DERRIEN, M, 2003, p.199).

No Brasil, a cultura do açúcar se faz presente até os dias atuais e pode ser explicada por uma história pautada na produção em massa de açúcar pelos colonizadores portugueses.

A colonização no Brasil se baseou na cana de açúcar, e a primeira fábrica brasileira de açúcar foi instalada no Nordeste, local que tinha condições particularmente favoráveis para esse tipo de cultura, tanto em questões de solo e ar quanto de proximidade com a Europa e facilidade de contato com a África. Em sua obra intitulada “Nordeste”, Gilberto Freyre relata

muito bem a importância desse produto no Brasil quando diz que a história brasileira, durante um período muito importante da formação brasileira, foi, na verdade, a história do açúcar (FREYRE, 2013).

A própria Salvador da Bahia, quando cidade dos vice-reis, habitada por muito ricoço português e da terra, cheia de fidalgos e de frades, notabilizou-se pela péssima e deficiente alimentação. Tudo faltava: carne fresca de boi, aves, leite, legumes, frutas; e o que aparecia era da pior qualidade ou quase em estado de putrefação. Fartura só a de doce, geléias e pastéis fabricados pelas freiras nos conventos: era com que se arredondava a gordura dos frades e das sinhá-donas. (FREYRE, 2003, s.p.)

Dessa forma, o cenário demonstrou-se muito favorável para um grande desenvolvimento da doçaria brasileira.

As mulheres estavam muito envolvidas na produção dos doces, e é possível ver na obra de Gilberto Freyre, “Casa-grande e Senzala”, as diversas vezes em que a produção de bolos e quitutes estava ligada não só as sinhás, mas também as mulheres negras. Na Bahia, por exemplo, a doçaria de rua se desenvolveu muito, e por mais que as senhoras de casas-grandes e abadessas de convento tivessem sua participação nesse tipo de comércio, segundo o autor, “o verdadeiro doce ou quitute de tabuleiro foi o das negras forras” (FREYRE, 2003, s.p.)

Freyre (2003) ressalta, também, os nomes dados a alguns doces conventuais portugueses e o simbolismo sexual de cada um deles, citando alguns exemplos como: suspiros-de-freira, barriga-de-freira, papos-de-anjo, etc. Essa conotação sexual acaba aparecendo, também, nos doces brasileiros, tais como beijinhos, desmamados, língua-de-moça, dentre outros.

E é curioso o fato de chamar-se “dinheiro para comprar bolo” o que dão certos pais brasileiros aos filhos rapazes, em idade, segundo eles, de “conhecer mulher”. (...) Sabe-se aliás da íntima relação entre a libido e os prazeres do paladar. (FREYRE, 2003, s.p.)

Além disso, segundo Lesnau (2004, apud LEAL, 1998), a origem de diversos doces brasileiros é patriarcal, e “a doçaria brasileira deve as donas de casa, as negras de cozinha e

aos pretos doceiros”, sendo a preparação desses doces um ritual sério da antiga vida de família das casas grandes e dos sobrados.

Considerando as colocações feitas acima, é possível observar uma íntima ligação entre a doçaria brasileira e a mulher, marcando o início de uma constante associação que pode ser vista até os dias atuais.

## 1.2. PERSONALIDADES MARCANTES NA CONFEITARIA

Com a construção e o aperfeiçoamento da confeitaria ao longo dos anos, podemos destacar alguns nomes importantes que se ressaltam ou se ressaltaram por suas influências e técnicas agregadas.

Em primeiro lugar, considerado o pai da chamada *haute cuisine* (alta gastronomia), Marie-Antoine Carême se destaca por suas inúmeras contribuições ao mundo da pâtisserie, a começar por suas famosas esculturas comestíveis feitas à base de açúcar, marzipã e outros confeitos, que eram inspiradas em livros de história da arquitetura. Sua história na cozinha começa em uma casa de carnes em Paris, onde trabalhava em troca de comida e moradia, e segue um rumo de sucesso e crescimento que lhe gerou uma loja própria, diversas obras enciclopédicas, além de trabalhos para nomes importantes na época, como, por exemplo, o diplomata francês Charles Maurice de Talleyrand-Périgord (CURLEY, W; CURLEY, S, 2014, p.11-12).

Depois de Carême, Gaston Lenôtre foi o chef confeito mais celebrado. Seu trabalho priorizava a qualidade e os ingredientes, e junto a isso ele foi responsável por agregar novas técnicas, conquistando os parisienses e transformando seu nome em uma marca, além de criar uma rede internacional não só de confeitaria, mas também de alta gastronomia. Em 1971, abriu uma escola em Paris para a formação de chefs confeitores, insistindo, assim como Carême, que “a confeitaria era a melhor formação para um chef, pois ensinava precisão e perfeccionismo” (CURLEY, W; CURLEY, S, 2014, p.13).

Um nome de destaque no cenário atual é o francês de 33 anos Cédric Grolet. Eleito em 2017 pelo guia francês “*Les Grandes Tables du Monde*” como o melhor chef de confeitaria do mundo, assumiu a função de *sous-chef* no Hotel *Le Meurice* em 2011 e permanece no estabelecimento até os dias atuais. Em 2018, inaugurou uma loja aberta ao público ao lado do hotel, aonde é possível encontrar disponíveis não só doces típicos franceses, mas também suas famosas criações (IODICE, 2018).

A série “*Chefs Table*”, produção original da Netflix, provedora de conteúdo áudio visual via *streaming*, dedica-se exclusivamente a área da confeitaria em sua quarta temporada, lançada em 2018, exibindo quatro episódios que falam, respectivamente, sobre: Christina Tosi, Corrado Assenza, Jordi Roca e Will Goldfarb, sendo Christina Tosi a única mulher. De diferentes lugares do mundo, com histórias muito distintas, é possível identificar em cada confeito uma ramificação dentro da confeitaria, desde sobremesas como sorvete de leite de cereais (criação de Christina Tosi) até empratados que descrevem a sensação de ternura de colocar um bebê para dormir (criação de Jordi Roca com ingredientes à base de leite de ovelha e algodão doce, para lembrar a lã) (CHEFS TABLE, 2018).

No cenário brasileiro, um nome de destaque é o paulista Diego Lozano, que começou sua história na confeitaria de uma maneira interessante: ao fazer um bolo para sua mãe, trocou as quantidades de sal e açúcar (O GLOBO, 2017). A paixão começou quando ele percebeu “quantas coisas diferentes dava para fazer apenas trocando a quantidade dos ingredientes”, e dois anos depois já estava trabalhando na área (LOZANO, 2017, O GLOBO).

No dia 11 de junho de 2019 a francesa Jessica Préalpato foi eleita a melhor confeitaria do mundo pela lista *50 Best*. Seu estilo na confeitaria é de apresentações mais brutas e que levam pouco açúcar, prevalecendo as notas amargas e ácidas (ISTOÉ, 2019).

Em uma rápida busca no *google* (site de buscas) usando o termo “*best pastry chefs in the world*” (melhores chefs confeitários do mundo), surgem nomes masculinos como Pierre Hermé, Dominique Ansel, Duff Goldman, Christophe Michalak, e alguns femininos, como Lorraine Pascale e Janice Wong. Os sete primeiros nomes que aparecem na busca são homens e, apesar de alguns nomes femininos aparecem depois, a grande maioria ainda faz parte do universo masculino, sendo 33 homens para 17 mulheres.

Apesar dos grandes nomes da confeitaria serem, em sua maior parte, masculinos, a confeitaria ainda é uma área associada à figura feminina por conta dos padrões sociais estabelecidos à mulher, como veremos no tópico a seguir.

### **1.3. MULHER COMO CONFEITEIRA: ASSOCIAÇÃO DOS PADRÕES SOCIAIS À CONFEITARIA**

A confeitaria foi uma das primeiras áreas a aceitar empregar mulheres dentro da cozinha profissional nos Estados Unidos, nos anos 1970, quando os restaurantes americanos começaram a produzir suas próprias sobremesas, muito em parte porque o trabalho em outras

áreas da cozinha era visto como mais difícil para as mulheres se comparado ao da confeitaria (BURROS, 1992, NY TIMES).

O consumo de sobremesas se dá, ao contrário de outras comidas, pelo prazer e pela satisfação de um desejo, indo além das questões fisiológicas e atingindo um patamar muito mais emocional, psicológico e cultural (CORÓ, 2011, p.197). Segundo Coró (2011, p.197), ao falarmos do significado da sobremesa, está se falando, na verdade, de “preferência e atração, desejo e prazer, tentação e satisfação, somados a afeto, encantamento, compartilhamento e nostalgia”.

Essa descrição remete a diversas características empregadas a “essência feminina” e a um antigo discurso que, segundo Venturini e Godoy (2017, p.48), era responsável por sustentar o imaginário feminino permeado de sedução, beleza e capricho. Além disso, a mulher, ao contrário do homem, seria afetiva, carinhosa, ingênua, passiva e sensível (RIBEIRO, 2006, p.74).

A concentração de mulheres nessa área se deu a partir da construção de um conceito sexista e envolto de estereótipos, ressaltado por Burros (1992, NY TIMES) no trecho abaixo:

Existe diversas explicações para a concentração de mulheres no campo da confeitaria, e alguns deles são baseados em estereótipos: mulheres têm mais paciência e melhor destreza, elas são mais precisas, elas preferem um trabalho mais delicado e não conseguem aguentar a pressão de trabalhos na cozinha quente. (BURROS, 1992, NY TIMES, tradução nossa)

Ainda dentro dessa visão permeada de estereótipos, Shere (1992, NY TIMES, tradução nossa) reflete em sua fala o lado afetivo da mulher, tido como natural, quando diz que “as mulheres tentam agradar as pessoas, (...) e tentam fazê-las felizes, e qual melhor jeito para isso do que fazendo deliciosos doces?”. Essa percepção não é um caso isolado, mas sim um discurso que se repete na visão das próprias mulheres e na forma como enxergam suas semelhantes. Resende e Melo (2016) relatam a visão de algumas chefs em relação à diferença entre homens e mulheres na cozinha profissional, e é possível ver a sensibilidade sendo citada como motivo diversas vezes, além de concordarem com a ideia de que a mulher tem que adotar um perfil mais masculino dentro da cozinha para um melhor rendimento quando assumindo a posição de chef. Além disso, o nível de delicadeza e a força física também são mencionados como diferentes dependendo do gênero, sendo a mulher mais delicada e mais fraca em relação ao homem.

Outro exemplo desse cenário que repete estereótipos que configuram a figura feminina pode ser visto na fala, apresentada na pesquisa de Carvalho e Sorlino (2017), de uma chef de cozinha com 25 anos de profissão, francesa e atuante na área de cozinha criativa. Ao falar sobre o machismo dentro do ambiente de trabalho, relata uma melhora na mentalidade das pessoas e um progressivo desaparecimento desses preconceitos de gênero. No entanto, ressalta características como temperança, elegância e doçura ao falar sobre as mulheres que tem adentrado esse espaço, sem que esses adjetivos caracterizem, necessariamente, um diferencial no contexto do mercado de trabalho (CARVALHO; SORLINO, 2017, p.196).

A partir dessa concepção, é possível observar também outro aspecto da divisão sexual de praças dentro da cozinha: o homem, definido pelo pensamento patriarcal como um ser “agressivo, racional, forte, ativo, seguro, objetivo” (RIBEIRO, 2006, p.74) não se encaixaria na profissão de confeitoiro, porque esta exigiria um lado mais sentimental e sensível do trabalhador.

(...) Meu pai era um estivador e, quando eu lhe disse que ia ser confeitoiro, ele deu risada – achou que eu estava brincando. Eu nunca perguntei a ele por que achou tão engraçado. Talvez ele tenha pensado que não era uma profissão durona o bastante para o seu “garoto” – o que é uma ironia, porque a indústria culinária, especialmente para os cargos mais altos, é uma das áreas mais árduas que existe, com longas e solitárias jornadas de trabalho pesado. (CURLEY, W, 2014, p.8)

Scavone (2008, p.3), em seu relato sobre sua profissionalização na gastronomia, ressalta uma frase dita por um dos alunos ao tentar explicar o porquê de não conseguir montar e decorar os pratos: “meu lado gay é sapatona” (sic). A frase atinge um patamar além da sexualidade em si, e acaba por enfatizar o gay como uma figura mais próxima dos estereótipos da mulher, e a “sapatona” como figura mais próxima dos estereótipos do homem. Assim, sendo homem em todos os seus lados, seria incapaz de fazer algo que necessitasse de características femininas.

Essa percepção da confeitaria como algo mais feminino, como um espaço da mulher, é sentida até os dias atuais, e muitas mulheres que vivem ou já vivenciarão a realidade do trabalho dentro da cozinha profissional relatam suas experiências com o contato com a realidade que reflete essa concepção machista. A seguir, há três relatos de mulheres atuantes na área de gastronomia que se relacionam com essa temática. Em ordem: a chef de cozinha



Lisandra Amaral em uma entrevista para a Revista Fórum, um relato sobre a chef Marina Santos, de 30 anos, na Revista Vice, e a Profissional G, assim identificada na pesquisa de Resende e Melo (2016), canadense, com 16 anos de profissão e atuante na área de fusão chinesa/norte americana.

(...) E desde então a participação profissional das mulheres segue critérios bem específicos: elas podiam trabalhar nas pias (o que é um paradoxo maluco, pois as panelas pesadas e as chapas também passam por ali), lavando louça e complementando os serviços de faxina dos estabelecimentos, e na cozinha fria, mais especificamente na confeitaria. Isso também sempre me incomodou, pois o discurso é de que as mulheres são mais delicadas e por isso são boas confeitadeiras ou doceiras e finalizam bem um prato (mas não podem provar as guloseimas, pra não afetar a silhueta). Não, não é assim. (...) Falo isso pelo simples fato: somos cozinheiros e aprendemos as mesmas técnicas. As habilidades são diferentes e isso independe completamente do gênero. (AMARAL, 2015, REVISTA FÓRUM)

Por ser uma mulher magra e de porte pequeno, ela [chef de cozinha Marina Santos] relata as inúmeras “sugestões” masculinas que recebeu para se dedicar à confeitaria. “Mas sempre me interessei pela cozinha quente, no fogão, soltando os pratos principais, as entradas”, diz. Para Marina, essa foi a primeira percepção machista que teve da área que encara profissionalmente há seis anos. (LOPES, 2016, REVISTA VICE)

Inicialmente nunca foi permitido a mim estar na cozinha quente. Sempre me enviaram para fazer doces nos primeiros anos, mas penso que tinha a ver com o fato de sempre haver escassez de pessoal na confeitaria. Eu realmente gosto de confeitaria, mas eu não gostei do fato de que fui forçada a estar lá (...). (Profissional G, 2017) (CARVALHO; SORLINO, 2017, p.198)

Nos três trechos é possível identificar essa tendência de forma clara, ressaltando mais uma vez a questão da delicadeza e também do porte físico. Além disso, a cozinha quente seria o lugar dos homens, e ali as mulheres não teriam vez.

Essa percepção da confeitaria como algo mais feminino parte tanto dos homens quanto das mulheres, que percebem essa diferenciação nas atividades laborais.

Acho que homem não tem tanto interesse em confeitaria. Mulher gosta muito de confeitaria, eu, por exemplo, adoro. Porque é uma coisa bem delicada, detalhista, gasta muito tempo. (M2) (CASTRO; MAFFIA, 2012, p.11)

Mulher tem mais frescura pra mexer com uma carne, frutos do mar, alguns produtos que têm o cheiro mais forte, que deixam cheiro na mão. (...) Mulher gosta mais de confeitaria e homem gosta mais da cozinha quente. (...) O homem fica mais no fogão, as mulheres ficam mais na confeitaria e nas saladas. (H5) (CASTRO; MAFFIA, 2012, p.11)

Os relatos acima, feitos por uma mulher e um homem, respectivamente, ilustram muito bem essa associação da confeitaria às características femininas. Para entender melhor as considerações anteriores, as questões de gênero, construção da mulher e machismo dentro do ambiente da cozinha profissional serão discutidas no capítulo a seguir.

## **2. MULHERES NA SOCIEDADE, NA GASTRONOMIA E NA CONFEITARIA**

### **2.1. GÊNERO**

Ao termo “gênero” não se confere uma única definição concreta capaz de responder a todos os questionamentos gerados a partir das discussões que existem acerca desse tema. As transformações conferidas ao longo do tempo traduzem a sua complexidade e a necessidade dos constantes debates sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Diversos autores se propõem a discutir em relação ao que nos levou a naturalizar esse discurso pautado em diferenças, culminando em uma hierarquia de poder, com o homem em situação de dominação e a mulher submissa a essa figura masculina.

A biologia, em muitos aspectos, é utilizada como argumento central para explicar as diferenças de gêneros, como se, biologicamente, os seres humanos pudessem justificar a divisão nas categorias “homem” e “mulher” com base em comportamentos e características que se desenvolveriam naturalmente. Moore (2000, p.21) explica que “frequentemente se supunha que a identidade de gênero era um resultado direto de categorias biológicas, e que o que era adquirido pela socialização não passava em realidade de um brilho cultural”.

Para algumas autoras que trabalham o conceito de “sistema sexo/ gênero”, o fundo biológico não pode ser deixado de lado, porque a sua existência é também parte do objeto de estudo (PEREIRA, 2004, p.178). Mas, nesse contexto, o sexo é pensado como antecedente ao gênero, diferentemente do que pensava Laqueur, que defendia a ideia de que a categoria gênero era a que se antecedia, uma vez que, até o século XVIII, havia apenas o registro de um único sexo – o masculino. Até essa época, a mulher era considerada um homem incompleto (PEDRO, 2005, p.90, apud LAQUEUR, p.23).

Um exemplo do uso da biologia nesse contexto de hierarquia é a ideia de vulnerabilidade da mulher. Como explicita Colling (2015), a “teoria do ventre errante” seria responsável pelas características vulneráveis existentes na figura feminina, uma vez que o útero era visto como um animal com o desejo de procriar e que só descansava quando a mulher engravidava.

Quando ele fica muito tempo estéril depois do período da puberdade, ele tem dificuldade em suportar isso, indigna-se, erra por todo o corpo, bloqueia os canais do sopro, impede a respiração, causa um grande incômodo e origina doenças de toda a espécie, até que, o desejo e o amor unindo os dois sexos, eles possam colher um fruto, como numa árvore, e semear na matriz, como num sulco (...) Tal é a origem das mulheres e de todo o sexo feminino. (PLATAÃO, 1986, p.154).

No entanto, como explica Jesus (2012, p.8), apenas o sexo é biológico, determinado pelo tamanho das células reprodutivas (espermatozoides e óvulos), e o comportamento determinado como masculino ou feminino tem origem no âmbito cultural. No entanto, é importante destacar os pensamentos de Butler (2018) perante a ideia do conceito “sexo”. A autora considera que o sexo não está ligado à natureza, mas sim que talvez seja tão culturalmente construído quanto o gênero. Citando a tão conhecida frase de Simone de Beauvoir, “ninguém nasce mulher, se torna mulher”, ela explica que não há nenhuma evidência de que “se tornar” mulher esteja ligado a um ser que seja necessariamente fêmea, e que essa classificação provém de uma compulsão cultural.

Ser mulher ou ser homem, como explicita Colling (2004, p.29), é, na verdade, uma construção simbólica, constatação que se aproxima do discurso culturalista que afirma que “as diferenças sexuais provêm da socialização e da cultura” (ARAÚJO, 2005, p.45). O gênero

deveria ser compreendido, então, como fundamentam algumas autoras, como uma construção histórica/cultural que não se vincula ao biológico (PEREIRA, 2004, p.178).

O termo “gênero”, na sua acepção gramatical, designa indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino) ou coisas sexuadas, mas, na forma como vem sendo usado, nas últimas décadas, pela literatura feminista, adquiriu outras características: enfatiza a noção de cultura, situa-se na esfera social, diferentemente do conceito de “sexo”, que se situa no plano biológico, e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino. (ARAÚJO, 2005, p.42)

O movimento feminista veio em busca da equidade entre homens e mulheres, uma vez que reconhecia as diferentes experiências vividas por cada gênero e, por isso, buscava um tratamento baseado na equivalência e não na igualdade (NARVAZ; KOLLER, 2006, p.648, apud FRAISSE, 1995; JONES, 1994; LOURO, 1999; SCOTT, 1986). A crescente evolução desse movimento o dividiu em algumas fases, e cada uma delas é marcada por diferentes reivindicações e momentos, como se pode ver nos parágrafos a seguir.

A primeira onda do feminismo, que ocorreu no final do século XIX e se estendeu até as primeiras décadas do século XX, marcou o início do movimento e teve suas reivindicações centradas principalmente nos direitos políticos, sociais e econômicos. Nessa fase, o movimento sufragista, que se estruturou na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha e defendia o direito de voto da mulher, teve grande importância nesse período de surgimento do movimento feminista (ZINANI, 20--, p.411-412; PEDRO, 2005, p.79; NARVAZ; KOLLER, 2006, p.648-649).

Já a segunda onda, que ressurgiu entre as décadas de 1960 e 1970, especialmente nos Estados Unidos e na França (NARVAZ; KOLLER, 2006, p.649), priorizou as lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado, e foi nesse momento que a categoria “gênero” foi estabelecida (PEDRO, 2005, p.79). Seu início se deveu a publicação do livro “O Segundo Sexo”, por Simone de Beauvoir, e “foi um marco no pensamento feminista, discutindo a questão da mulher através de vários ângulos: da biologia, da psicanálise, do materialismo histórico” (ZINANI, 20--, p.412).

O uso da palavra “gênero” no lugar da palavra “sexo” nos anos 80 se deveu ao fato de que, na maioria das línguas, todos os seres (sejam eles animados ou inanimados) têm gênero, porém, não são todos os seres vivos que possuem sexo. A escolha do uso da palavra “gênero”

reforçava a ideia de que as diferenças de comportamentos provinham do âmbito cultural e não eram dependentes do “sexo” como questão biológica (PEDRO, 2005, p.78).

Simone de Beauvoir (1967, p.9) inicia uma de suas mais conhecidas obras, “O Segundo Sexo”, com a frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, expressão que casou grande impacto no mundo inteiro e ganhou espaço no discurso de mulheres das mais diferentes posições, abrindo caminho para um debate que só foi crescendo. Ser mulher não depende de um único ato, mas de uma construção relacionada a gestos, vestuário, comportamentos, dentre outros ensinamentos diários constituídos a partir das normas e valores de cada cultura (LOURO, 2008, p.17). Segundo Beauvoir (1967, p.8-9), “basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categoriais de indivíduos”.

A frase acabou por refletir, também, na perspectiva da masculinidade, compreendendo-se então que “ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” e requerem reforços contínuos ao longo de toda a vida. É um processo que se dá por meio de aprendizagens e práticas provindas de diversos meios (escola, igreja, família) de forma minuciosa e sutil. São aprendidas as vestimentas adequadas, o jeito certo de andar, como e quando comer, entre outros comportamentos (LOURO, 2008, p.18).

Connell (2000, 2003), principal referência nos estudos sobre masculinidades, cunhou a noção de masculinidade hegemônica, para discutir um padrão normativo de práticas de masculinidades, ligada à legitimação do patriarcado e à dinâmica cultural pela qual um grupo exige e mantém uma posição de liderança na vida social, possuindo estreita ligação com a relação de dominância dos homens frente à submissão das mulheres e à exclusão de outras formas de masculinidades. (BRITO, 2015, p.5)

É possível observar, então, que a construção dos papéis de gênero se dá por diversos meios e modos, baseada em discursos constantemente repetidos, responsáveis pela criação de estereótipos e imagens a serem seguidas.

Dois conceitos estão associados ao poder da repetição nas questões de gênero, e são eles os atos de fala e a citacionalidade.

A Teoria dos Atos de Fala, que teve seu início nos anos sessenta e foi assumida por John L. Austin e os seguidores de Wittgenstein na Pragmática (CASTIM, 2017), propõem-se a olhar a linguagem de uma maneira menos abstrata, avaliando não só aquilo que é dito, mas a

sua complexidade e sua capacidade de significar, obtendo uma dupla função: a de colocar no exterior algo interno e o seu uso social, a interação (CASTIM, 2017, apud MARCONDES, 2017). Segundo Castim (2017, apud FIORIN, 2015).

(...) a pragmática estuda a relação entre a linguagem e seu uso (...). Sem dúvida, o estudo do uso se faz necessário, “pois há palavras e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta da fala”. (CASTIM, 2017, p.88 apud FIORIN, 2015).

Austin divide os atos de fala em três partes, cabendo ressaltar aqui, nesse contexto, apenas uma delas – o ato ilocutório. Este conceito, segundo Austin (1990, p. 89), é “a realização de um ato ao se dizer algo”, como, por exemplo, informar, ordenar e avisar, ou seja, verbos que tem certa força (AUSTIN, 1990, p.95).

Para que se entenda sobre citacionalidade, é preciso antes entender o conceito de iteirabilidade, que se baseia na frase “a escrita é repetível”, caracterizando a necessidade de que os códigos de comunicação sejam reconhecíveis e legíveis mesmo na ausência de seu autor e/ou destinatário (BENTO, 2006, apud DERRIDA, 1991). Sendo assim, segundo Matos (2017), para que sejam legíveis é necessário que sejam repetíveis, ou seja, não se esgotam no momento em que são inscritos, podendo criar uma ruptura com o contexto de produção, abrindo a possibilidade de repetição mesmo na ausência do referente e/ou destinatário, significado ou intenção determinada (BRITO, 2015).

O conceito de citacionalidade, por sua vez, se refere à propriedade de deslocação do contexto original para outro, apresentando inúmeros significados (BRITO, 2015, apud PINTO, 2013) e complementando a iteirabilidade, uma vez que a repetição é citada em contextos variados, produzindo reações distintas (BRITO, 2015).

Judith Butler propõe uma discussão sobre a identidade pessoal com a seguinte pergunta: “em que medida é a ‘identidade’ um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência?”. A produção de práticas que regulam identidades por meio de uma matriz de normas de gênero produz a noção de que “feminino” e “masculino” seriam compreendidos como singularidades de “fêmea” e “macho” (BUTLER, 2018, p.38-39). A “essência feminina” faz parte do discurso essencialista, que diferentemente do culturalista, exalta a diferença sexual e justifica a discriminação da mulher baseada nesse conceito, que aprisiona a feminilidade em modelos previamente estruturados, fundamentando a discriminação da figura feminina (ARAÚJO, 2005, p.45).

Os aspectos da repetição estão presentes em inúmeros momentos da vida cotidiana. Desde criança há ensinamentos distintos de acordo com o sexo biológico, como, por exemplo, o jeito de agir e aspectos relacionados à aparência (JESUS, 2012, p.7) tornando as situações mais adequadas para homens e mulheres. Especialistas das mais variadas áreas nos ensinam como devemos ser – o que vestir, como andar, o que comer (como, quando e quanto), como se apresentar para entrevistas de emprego (LOURO, 2008, p.18-19), dentre outras diversas situações nas quais, muitas vezes sem perceber, somos guiados por regras naturalizadas e não questionadas.

Para a mulher e o homem, segundo Colling (2004, p.24), não existe uma verdadeira essência, pois ambos são produzidos por conceitos criados unicamente como aparência, superfície e produção. A teoria da performance sugere que os indivíduos constroem suas ações por meio de suposições e expectativas, sendo essas suposições parte de uma essência que vai se desdobrando conforme são reproduzidos os modelos denominados corretos para cada gênero. Um exemplo disso é o “instinto materno” e o “homem naturalmente viril e forte” (BENTO, 2006, p.103).

É possível observar, então, as mudanças do conceito de gênero e seus diferentes usos no decorrer do tempo, transformando-se em um debate de grande peso e com diversas ramificações, sendo pauta de discussões até os dias atuais, uma vez que não há uma definição única que englobe todas as suas aplicabilidades.

## **2.2. A CONSTRUÇÃO DA MULHER**

Ao longo da história, é possível acompanhar as diversas transformações e conceitos adotados em relação à figura feminina. O contexto hierárquico e de exclusão pode ser explicado pela construção da história das mulheres, que se deu a partir de homens, que durante muito tempo foram os únicos historiadores. Apresentaram a história feminina como margem da história masculina – aquela considerada como universal – tornando-as invisíveis e criando espaço para a dualidade feminino/masculino, assumindo valores diferentes e desiguais para cada gênero (COLLING, 2004, p.13 e 17).

A falta de personagens femininas relatadas no decorrer da história foi alertada por algumas feministas, como, por exemplo, Andrée Michel, que criticou o fato de que, apesar de terem participado das guerras coloniais, as mulheres foram apagadas dos relatos e os destaques se deram apenas aos homens, com exceção de algumas enfermeiras, em razão de exercerem uma função considerada como feminina (PEDRO, 2005, p.83, apud MICHEL,

1982, p.78). Segundo Pedro (2005, p. 87), “a história (...) é uma narrativa sobre o sexo masculino”.

Concebido como figura central e superior, o homem adquire o estatuto de neutro, e é a partir dele que são feitas as separações e explicações do outro. À mulher, então, é concedida uma posição de diferença, enfatizada pelos discursos masculinos sobre a “natureza feminina”, exaltando uma esfera de exclusão que manifesta o exercício de poder do homem. É a partir dele que se cria a noção de mulher, definida como diferente, inacabada e inferior (COLLING, 2004, p.27).

É possível observar a forma como se ressaltava a inferioridade feminina, assim como a sua submissão, configurando o homem como o “modelo de perfeição”, a “referência”, alguém tido como superior. A estratégia usada para que esse discurso fosse aceito era o uso simultâneo de dois poderes: o repressivo e o normativo, o primeiro sendo aquele que separa e exclui quem se pretende dominar, e o último sendo responsável por conceder à mulher uma identidade, além de sua posição e papel social (COLLING, 2004, p.26).

Um dos aspectos mais cruéis do preconceito é justamente essa naturalização e identificação com as ideias que o produzem e perpetuam por parte das próprias pessoas que o sofrem. Félix Guattari mostra que “o que faz a força da subjetividade capitalística é que ela se produz tanto no nível dos opressores, quanto dos oprimidos”. (AZERÊDO, 2017, s.p., apud GUATARRI; ROLNIK, 1993, p.44)

A utilização do termo “Homem” para uma figura aparentemente assexuada, segundo Colling (2015, p.182, apud DERRIDA,1988), é uma forma de exaltar o falocentrismo, disfarçando-o de universalismo. Essa reflexão se aproxima da ideia do “modelo de perfeição” e da submissão da mulher, porque, considerada mais frágil e desprovida de calor vital, ela usufruiria de menos privilégios do que os homens (SILVA, 2000).

O modelo de perfeição estava representado na anatomia masculina, onde a regra fálica, distinguia perfeitamente o domínio de superioridade e inferioridade masculina e feminina respectivamente. (SILVA, 2000, p.9)

Hipócrates (460/377 a.C.), considerado o maior médico da antiguidade, seguia essa linhagem de pensamento da mulher como sendo o ser mais fraco, e passava a hierarquizar os sexos desde a geração. Para ele, se a semente mais forte viesse dos dois lados, ou fosse mais



abundante do que a semente mais fraca, o produto seria macho. Sendo a semente mais fraca a mais abundante, o produto seria fêmea (Hipócrates apud JOAQUIM, Teresa, 1997, p.81).

Para Aristóteles (384/322 a.C.), filósofo grego, o corpo da mulher era considerado inacabado e doente por natureza, sendo a natureza feminina uma deformidade natural e a mulher, um defeito (COLLING, 2004, p.59). Em sua obra que leva o título “As Partes dos Animais”, o filósofo ressalta a diferença do tamanho do cérebro entre homens e mulheres, sendo o da mulher menor e, por isso, intelectualmente inferior (COLLING, 2004, p.186). Para Aristóteles, “a mulher é vista como um desvio, uma ‘defeituosidade natural’.” (COLLING, 2004, p.61).

O discurso aristotélico é considerado como “o que de melhor se disse, pensou, construiu e refletiu sobre o humano na tradição ocidental”, e este modelo de pensamento é visto até os dias atuais (COLLING, 2004, p.62).

É interessante observar o trecho a seguir da obra norueguesa “O Mundo de Sofia” (romance da história da filosofia escrito no século XX) que destaca a importância da presença feminina na filosofia e na ciência, enfatizando o pensamento de Aristóteles quanto à figura feminina como “equivocado”.

Que um homem esclarecido como Aristóteles tenha se equivocado desse modo em relação às mulheres é surpreendente e, mais que isso, lamentável. Mas serve para demonstrar duas coisas: Aristóteles não deve ter tido tanto contato nem experiência prática com mulheres e crianças. Por outro lado, mostra como as coisas podem sair erradas se a filosofia e a ciência derem ouvidos apenas à voz masculina. (GAARDER, 2018, p.133)

Na Idade Média, o pensamento aristotélico prevalece, sendo difundido pela Igreja cristã (COLLING, 2015, p.188). A Igreja contribuía na legitimidade da inferioridade da mulher, tanto por argumentos bíblicos quanto por considerarem a mulher a fonte do Pecado Original e um instrumento do Diabo, uma vez que eram filhas e herdeiras de Eva (SANTOS, 2010, p.1).

A história de Adão e Eva contribuiu de maneira devastadora para a inferioridade da mulher, uma vez que era vista como o motivo da condenação de Adão por Deus, trazendo consequências para toda a humanidade (COLLING, 2015, p.188). Além disso, acreditava-se também em uma falha na formação da primeira mulher, como descrito no trecho abaixo:

Houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito cuja curvatura é, por assim dizer, contrária a retidão do homem. E, como em virtude dessa falha, a mulher é o animal imperfeito, sempre decepciona a mente. (ARAÚJO, 1997, p.46)

Entre os séculos XVIII e XIX, a mulher foi alvo de diversos estudos e discursos pautados principalmente na preocupação em entender as especificidades femininas. Nessas reflexões, os médicos desempenharam papel crucial, abordando temáticas como anatomia, fisiologia, higiene e doenças (MARTINS, 2004, p.36-37).

Abandonando a ideia baseada no pensamento do monismo sexual (ou *one-sex-model*) de que a mulher era um homem invertido – com o útero representando o escroto, os ovários representando os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina um pênis (SILVA, 2000, apud LAQUEUR, 1989, citado por COSTA, 1995, p.100) –, o útero passou a ser objeto de estudo nos discursos médicos, derrubando a ideia de que a natureza havia criado um ser imperfeito, mas sim alguém com um papel de extrema importância a ser exercido: o de ser mãe (MARTINS, 2004, p.37-40).

A maternidade, o casamento e a educação dos filhos eram tidos como partes centrais no quesito “ser mulher”. Sendo assim, aquela que não seguisse esses princípios era tida como alguém que perdeu o controle e se entregou ao mundanismo e a viver fora das regras. Para Jules Michelet, filósofo e historiador francês, a redenção da figura feminina ao amor e ao casamento era a razão para a união de figuras tão distintas como o homem e a mulher, e, por isso, eram considerados a base da sociedade (MARTINS, 2004, p.41 e p.43-44).

Os estudos em torno do órgão reprodutor feminino passaram a figurar como doença mental feminina a histeria a partir do final do século XVIII. A menstruação passou a ser vista como fonte de diversos efeitos debilitadores, caracterizando a mulher, segundo Jules Michelet, como inválidas e feridas durante todo o período menstrual. O único caminho para a sanidade feminina era a maternidade (COLLING, 2015, p.194).

A causa do ataque histérico é sempre a mesma: um vapor venenoso produzido pela matriz e que, ao passar pelas artérias e pelos poros do corpo, lesa todo o organismo, até ao cérebro. (COLLING, 2015, p.193)

Ainda no século XVIII, começaram a serem colocadas em pauta as ideias de evolução debatidas por Darwin (1809 – 1882), que mudou de forma extrema a maneira de enxergar a natureza e a história da humanidade. Utilizando o conceito de seleção natural, explicava a ideia de sobrevivência do indivíduo mais forte, que, segundo ele, era o homem por seus esforços para conquistar a caça e as fêmeas. Junto a esse conceito, também veio a craniologia, que passou a comparar as mulheres com raças inferiores e crianças. Essas duas correntes, marcadas pelo caráter misógino, colocavam a mulher em um patamar muito mais baixo do que antes, transformando toda e qualquer coisa relacionada à feminilidade em algo perigoso (MARTINS, 2004, p.48-50).

Na sua definição de mulher, Schopenhauer lança mão de um dos mais poderosos clichês culturais da época que era a incapacidade intelectual do sexo feminino. Diz que seu aspecto físico é revelador de que seu destino não está associado aos trabalhos da inteligência, mas à reprodução da espécie e ao cuidado das crianças. Sua natureza não permitia esforços ou prazeres excessivos, sendo seu destino obedecer ao homem, apoiá-lo, cuidar das crianças e levar sua vida "silenciosamente, de forma insignificante e docemente" (MARTINS, 2004, p.52, apud SCHOPENHAUER, 1900, p.129)

Para Colling (2015, p.180), o corpo feminino tem muito pouco da mulher, configurando simplesmente um resultado de discursos e prática e, por isso, sendo apenas um efeito histórico. Além disso, afirma que as sociedades são as verdadeiras responsáveis por significar essas diferenças, requerendo um esforço sem fim para agregar-lhes sentido, além de interpretá-las e cultivá-las, uma vez que essas diferenças não existem (COLLING, 2004, p.17).

No início da segunda onda do feminismo, quando a categoria gênero ainda não havia sido incorporada, eram usadas as categorias “homem” e “mulher”. A primeira, tomada como universal e usada para se referir aos seres humanos de uma forma geral, era alvo de questionamentos pelos movimentos feministas, porque as mulheres não se sentiam incluídas, muito menos suas questões específicas – como, por exemplo, ter filhos quando quiser e se quiser (PEDRO, 2005, p.80).

A corrente feminista que buscava pela igualdade “aceitava o modelo masculino como neutro e desejável”, fundamentando-se na ideia de que, para existir a igualdade, era necessário ser igual ao outro (COLLING, 2004, p.30). Essas eram chamadas de igualitaristas.

No entanto, criticando esse pensamento, as chamadas diferencialistas se opunham à ideia de que “todas as mulheres fossem homens para poderem entrar na esfera pública” (PEDRO, 2005, p.81, apud MACHADO, p.119). Portanto, no período da pós-modernidade – que, segundo Gatti (2005, p.601, apud AZEVEDO, 1993, p.32), “traz uma nova forma de racionalidade, ‘pluralista e frutiva’ longe de pretensões universalistas” – começa a surgir o pensamento feminista que se baseava na aceitação das diferenças, respeitando as identidades dos indivíduos (COLLING, 2004, p.34).

Nesse sentido, é possível refletir sobre os conceitos de “diferença” e “igualdade” no pensamento feminista. Segundo Colling (2004, p.35), o conceito de igualdade estaria ligado aos direitos civis e políticos, e não aos indivíduos como pessoas idênticas por sua natureza ou condição. Por isso, a proposta igualitária adquiriu um rumo diferente, lutando pelo direito à igualdade com o direito à diferença (COLLING, 2004, p.34).

O pensamento da diferença não busca a homogeneização no mesmo, mas quer manter e ver reconhecidas suas diferenças e ao mesmo tempo reconhecidos seus direitos universais e básicos. Defender a igualdade como direito universal não deve implicar que todos os indivíduos sejam iguais, porque o mundo perderia muito se visse a diferença apagar-se em proveito da igualdade homogeneizante (COLLING, 2004, p. 36).

As diferenças não seriam, então, a razão dos problemas, mas o modo como foram encaradas transformou a sociedade em uma hierarquia que concede à diferença sua significação discriminatória. Busca-se o reconhecimento das diferenças ao mesmo tempo em que há, também, o reconhecimento dos direitos universais e básicos (COLLING, 2004, p.36).

O feminismo pós-moderno veio para questionar a ideia de uma figura feminina única, incentivando o conceito de pluralidade, abrangendo diversos indivíduos e grupos com vivências e experiências distintas, tornando o reconhecimento da diferença como ponto central do movimento (LAGE; NASCIMENTO, 2014, p.4, apud GIDDENS, 2012, p.444).

O feminismo deixou claro, ainda, que as feministas são capazes de inventar novos mundos, organizar de modo não-elitista, dar respostas diferentes das

já conhecidas e que não satisfazem apenas a alguns setores sociais e sexuais. Mostrou que as mulheres podem criar novas ciências, novas formas de produção de conhecimento (...) (RAGO, 20--., apud HARDING, 1991)

As mudanças no cenário das sociedades contemporâneas começaram a ganhar espaço, ainda que entremeadas por discursos discriminatórios de períodos antecedentes. Uma transformação significativa vem se estabelecendo na relação com a maternidade, vista, durante muitos anos, como função social da mulher. Segundo Barbosa e Rocha-Coutinho (2012), “a devoção e o sacrifício feminino em prol dos filhos e da família, bem como a presença constante e vigilante da mãe surgiram no discurso social como valores essenciais e inerentes à natureza feminina”. A mulher-mãe era vista como uma obrigação e não uma escolha, e a rejeição à maternidade ou o seu adiamento eram vistas como ideias inconcebíveis.

Por esse fato, a figura feminina era tratada como alguém de respeito e poder apenas no âmbito doméstico, afastada de quaisquer decisões e participação no espaço público, causando efeitos que podem ser sentidos até os dias atuais (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2012).

Os avanços da industrialização e da urbanização tiveram grande influência na tendência dos novos padrões de comportamento e consumo. Com o surgimento de métodos contraceptivos, as mulheres passaram a ter um pouco mais de autonomia e possibilidade de escolha (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2012, apud SCAVONE, 2001), mas esse não foi o único meio a impulsionar o crescimento da mulher como ser individual e capacitado, além de sua ascensão no âmbito público.

Nessa mesma direção, para Arán (2003), os principais fenômenos constitutivos dessa mudança são a crise da família nuclear burguesa, monogâmica e heterossexual, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação entre sexualidade e reprodução e uma política de visibilidade da homossexualidade. Todos esses fenômenos, segundo a autora, provocaram uma crise nas referências simbólicas organizadoras da sociedade moderna, principalmente por terem efetuado um deslocamento das fronteiras que associavam o homem ao espaço público e a mulher ao privado, configurando novas formas de se pensar a sexualidade, em especial, e os dois sexos, de modo geral. (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2012)

No entanto, apesar da expansão do movimento feminista e das inúmeras conquistas por ele realizadas, ainda assim é um desafio para as mulheres alcançar o objetivo de uma

sociedade sem qualquer forma de discriminação e opressão. O esforço da figura feminina nas últimas três décadas para transformar as concepções de gênero ainda se vê como necessária para os anos seguintes (LAGE; NASCIMENTO, 2014, p.2 e p.11). O mundo, ainda que cada vez mais feminino e feminista, constantemente põem a mulher em posições de humilhação e desqualificação, enfatizando a necessidade de mais conquistas e mudanças no cenário atual (RAGO, s.d., p.3).

(...) as feministas estão em uma ótima posição para saber que a desconstrução do sexismo e do racismo não acarreta automaticamente sua ruína (...) (RAGO, 20--, p.1, apud BRAIDOTTI, 2002).

Segundo Rago (20--, p.12), o feminismo é um movimento profundamente crítico e libertador na dimensão política, e, como explicitam Lage e Nascimento (2014, p.17), em sua fase pós-modernista reconhece a figura feminina como uma construção social. As contribuições do movimento para as transformações da sociedade pós-moderna são inúmeras, trazendo a esperança de que o mundo possa seguir por outros caminhos além da misoginia e opressão das mulheres. As questões não se resumiriam a uma única resposta, mas sim a múltiplas maneiras de enfrentar os problemas ali percebidos (RAGO, 20--, p.12).

### **2.3. RELAÇÃO ENTRE RAÇA E GÊNERO**

O corpo humano, construído socialmente, torna as características físicas como determinantes para a garantia ou não da integridade de uma pessoa. É nele que a sociedade coloca seus sentidos e valores e, assim, transforma os indivíduos em semelhantes ou diferentes dentro da hierarquia social (NOGUEIRA, 1999).

Nesse sentido, o corpo negro adquiriu diversos significados ao longo da história, provindos principalmente do período de escravidão e, ainda hoje, as sequelas de um passado onde não eram consideradas pessoas e sim objetos se refletem. O negro vive, diariamente, “a experiência de que sua aparência põe em risco sua imagem de integridade” (NOGUEIRA, 1999, p.43).

Sendo assim, apesar do gênero ter se configurado como uma forma de opressão durante os anos, as diferenciações construídas a partir desse conceito não se aplicavam a todas as mulheres, tendo em vista as contradições vividas pelas mulheres negras (OLIVEIRA, 2010).

Os negros revelam-se indiferentes em suas relações sociais: não se importavam com os laços filiais e suas mulheres eram objetos servis; não formavam famílias, eram por natureza desagregados (...). (NOGUEIRA, 1999, p.43, apud COUNTY, 1878)

Essas características eram explicadas, segundo as interpretações de Nogueira (1999, p. 43-44), como naturais por questões raciais. É interessante destacar que, enquanto a mulher branca era vista como um corpo para reproduzir e formar família, as mulheres negras são descritas como “objetos servis”, desvinculadas da imagem de mãe e cuidadora.

A associação à questão reprodutora não tem a ver, no caso das mulheres negras, com a formação de uma família, mas sim com a satisfação sexual de seus senhores. Seus filhos quase sempre eram vendidos e a única vinculação com a maternidade vinha quando serviam de amas de leite para o filho do senhor (NOGUEIRA, 1999, p.44). Como enfatiza Nogueira (1999, p.44), “a mulher negra é historicamente desinvestida de qualquer possibilidade que a permitisse exercer sua feminilidade”.

A partir dessa concepção das diferenças dentro da realidade das mulheres brancas e negras, na década de 1970 surgiu o feminismo negro, em contraposição ao chamado feminismo branco, que não incluía todas as mulheres e/ou não tinha representatividade o suficiente pra que todas elas pudessem se enxergar ali. Passou a marcar a reflexão feminista a partir dos anos 1980 por sua atividade tanto no campo teórico quanto no ativismo, e permitiu, então, que a raça começasse a ser incluída nos pensamentos dessa ideologia, criando um espaço maior de integração (OLIVEIRA, 2010, apud NOGUEIRA, 2001; HOOKS, 1984/2004).

O racismo existente dentro do feminismo branco pode ser visto, principalmente, quando se exclui as mulheres negras (e também as brancas pobres) na disseminação do discurso de que, nos anos 1950, as mulheres não trabalhavam (OLIVEIRA, 2010). Tendo como principal preocupação a sua própria sobrevivência no período pós-escravagista, as mulheres negras acabavam aceitando os trabalhos mal pagos que o sistema capitalista as oferecia (OLIVEIRA, 2010, apud COLLINS, 2003), pertencendo então a uma classe marginalizada que sofria uma discriminação específica e profunda que envolvia não só o gênero, mas também a raça e a classe social (OLIVEIRA, 2010, apud DAVIS, 1982).

A série “Coisa Mais Linda”, ambientada na década de 1950, produção original da Netflix, provedora de conteúdo áudio visual via *streaming*, ilustra muito bem essa diferença

de realidade no trabalho entre mulheres negras e brancas. Em uma das cenas da primeira temporada, episódio três, a personagem Adelia (Pathy De Jesus), negra, profere o seguinte discurso à personagem Malu (Maria Casadevall), branca:

“Lutava pelo meu direito de trabalhar”? Eu trabalho desde os oito anos de idade! A minha avó nasceu numa senzala e foi muito difícil. É bem difícil mesmo. Eu trabalhei seis, sete dias na semana. Saía de casa às quatro horas da manhã, ficava mais de uma hora no ônibus na ida, mais de uma hora no ônibus na volta (...). Tudo isso pra por um prato de comida na mesa. Isso sim pra mim é relevante! (COISA MAIS LINDA, 2019)

Carneiro (2014) abre um leque de questionamentos com uma única frase: “de que mulheres estamos falando?”. O mito da fragilidade feminina, por exemplo, tão presente na realidade desde muitos anos até os dias atuais, nunca se aplicou às mulheres negras, uma vez que, durante séculos de escravidão, elas trabalhavam nas lavouras ou nas ruas. Outro questionamento importante se encontra na relação entre os aspectos físicos e o mercado de trabalho. Os anúncios de emprego, que exigem uma boa aparência, colocam mais uma vez as mulheres negras em desvantagem em relação às brancas, uma vez que o estereótipo feminino é o da mulher branca. Por isso, dentro do feminismo negro, a categoria "gênero" não pode ser vista isolada das outras formas de opressão, e o racismo e seus impactos se tornam temas centrais das discussões.

#### **2.4. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**

Inicialmente não havia a distinção dos sexos por nível de importância, mas a polarização de sexos foi ganhando força na medida em que o homem começava a ter noção do conceito de divisão de trabalho e bens, surgindo então o que conhecemos hoje por “família” (ANJOS; MOUSSE; GUERRA; CARVALHO; GONZAGA; ASSUNÇÃO; MOURA; RODRIGUES, 2015, p.2).

O patriarcado estabeleceu um modelo a ser seguido principalmente dentro dessas relações familiares, configurando duas dimensões básicas de dominação da mulher: primeiramente pelo pai e, mais tarde, pelo marido (RIBEIRO, 2006, apud THERBORN, 2006, p.29-30). Sendo assim, dentro das relações monogâmicas e heterossexuais o pai seria o



chefe da família na unidade básica familiar e, no sistema matrimonial patriarcal-capitalista, a mulher se tornaria propriedade do homem (RIBEIRO, 2006, p.74-75).

Crescendo em meio a regras e imposições provindas de uma sociedade machista, as mulheres aprendiam desde cedo a como se comportar, se vestir, suas crenças, etc. Tinham como maior objetivo de vida o casamento (ANJOS; MOUSSE; GUERRA; CARVALHO; GONZAGA; ASSUNÇÃO; MOURA; RODRIGUES, 2015, p. 2) e, uma vez alcançado esse objetivo, seu corpo virava um meio de reprodução – a principal finalidade dessa união matrimonial (RIBEIRO, 2006, p.75).

A ligação das mulheres à reprodução e ao cuidado dos filhos acabou por criar outra ponte de relação com a imagem da figura feminina: o trabalho doméstico, tido como natural e obrigatório, além de gratuito, uma vez que era “considerado uma simples extensão do lugar social de reprodutora” (RIBEIRO, 2006, p.75).

Dois conceitos são importantes para entender a estrutura dessa sociedade e o sistema de poder hierárquico que colocava o homem como figura dominante: o poder simbólico e a violência simbólica. Segundo Bourdieu (1989):

(...) o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 1989, p.8-9)

(...) poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 1989, p.14)

O poder simbólico é um poder invisível que só pode ser exercido com a adesão dos dominantes aos dominados; e no contexto das questões de gênero, isso não significa que as mulheres têm responsabilidade por sua própria opressão, como se o cenário se tratasse de uma escolha feita por elas (BOURDIEU, 2002, p.51). É interessante ressaltar que Bourdieu (2002, p.49) classifica a submissão feminina como, ao mesmo tempo, espontânea e extorquida, sem qualquer contradição.

Segundo Bourdieu (2002, p.45), “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”, e as ideologias são passadas de forma a não transparecer um instrumento de

dominação, não sendo necessário o uso da força física como forma de coagir os dominados (BOURDIEU, 2002, p.49). A violência simbólica é exercida por meio do poder simbólico, e a ideologia dominante é naturalizada por meio do *habitus*, princípio que transforma as características individuais em um conjunto único (BOURDIEU, 1996, p.22). Nas palavras de Bourdieu:

(...) violência suave, insensível, invisível, as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, do reconhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2002, p.7-8)

O *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes ao do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem a diferença entre o que é o bom ou é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro. (BOURDIEU, 1996, p.22)

A violência simbólica se apoia no fato de que “a força da ordem masculina (...) dispensa justificção”, uma vez que a visão androcêntrica do mundo transforma o homem em um ser neutro que não precisa embasar seu discurso para que seja reconhecido (BOURDIEU, 2002, p.18).

Em 1970, na França, o movimento feminista impulsionou uma série de discussões sobre o cenário vivenciado na época, uma vez que obtiveram consciência da opressão que as mulheres viviam pela quantidade de trabalho que exerciam de forma gratuita e desvalorizada, e nunca em nome de si mesmas (KERGOAT, 2003, p.56). Segundo Delphy (1992), o modo de produção familiar e doméstico seria um meio de exploração e opressão à mulher, porque o marido se apropriava de tudo aquilo que a mulher produzia sem que ela recebesse remuneração, com a justificativa de que seu trabalho em casa não estabelecia trocas dentro do

mercado de trabalho. Dessa forma, a autora classificou o casamento como uma relação econômica (CASACA, 2009, p.24-25, apud DELPHY, 1992).

Foi a partir desse momento que o trabalho doméstico e o trabalho profissional começaram a ser pensados em termos de divisão sexual do trabalho, e, na França, aplica-se a dois sentidos. São eles:

(...) estuda-se a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.596)

(...) falar em termos de divisão sexual do trabalho é: 1. mostrar que essas desigualdades são sistemáticas e 2. articular essa descrição do real como uma reflexão sobre os processos mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades e, portanto, os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.596)

O conceito de divisão sexual do trabalho, segundo Hirata e Kergoat (2007, p.598), “é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos”. Não tem a ver como uma divisão para complementariedade de tarefas, mas sim uma relação de poder que colocava os homens acima das mulheres, uma vez que os homens estavam ligados às tarefas de forte valor social agregado (KERGOAT, 2003, p.55-56). É nesse sentido que os homens são associados à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva.

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existe trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599)

O trabalho doméstico começou a ser abordado, então, como atividade de trabalho tanto quanto o profissional, criando uma articulação entre esses dois espaços e transformando a família em um lugar para se exercer trabalho. Foi dessa forma que a esfera assalariada começou a entrar em colapso, uma vez que era associada, até o momento, como espaço masculino, qualificado e branco (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.598).

A relação de exploração doméstica dentro do casamento se desdobrou em condições de subordinação e exploração à figura feminina no espaço público, criando uma situação de desvantagem para a mulher no mercado de trabalho (CASACA, 2009).

(...) a divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre o trabalho de produção e reprodução. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino. (BRITO; OLIVEIRA, 1997, p.252)

A globalização foi responsável por duas tendências no mercado de trabalho: a estagnação/regressão do trabalho masculino e o aumento do trabalho remunerado das mulheres a nível mundial (a África sub-sahariana como única exceção). No entanto, apesar do crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, isso se deu principalmente por conta de empregos precários e vulneráveis (HIRATA, 2002, apud BENERIA; FLORO; GROWN; MACDONALD, 2000). Além disso, permaneceram as desigualdades salariais, de condições de trabalho e de saúde, além do trabalho doméstico continuar, majoritariamente, como função das mulheres ao invés de haver uma divisão equilibrada (HIRATA, 2002). Por isso, as mulheres tendem a preferir profissões que sejam compatíveis a sua vida familiar (GAUCHE; VERDINELLI; SILVEIRA, 2013, p.5, apud POLACHECK, 1981), dificultando sua ascensão profissional.

As mudanças mais intensas começaram a acontecer apenas a partir da década de 1990, mas isso não significou o equilíbrio total do quadro anterior, persistindo assimetrias principalmente em postos de comando e salários (DE SOUZA; CAMPOS; KRAEMER; MACHADO; CARVALHO; PRADO, 2016, apud BRUSCHINI C; LOMBARDI, 1999; BRUSCHINI C, 1994; BRUSCHINI MCA, 2007). Nesse meio profissional, a segregação horizontal segmenta os gêneros por carreira, uma vez que as mulheres são levadas a acreditar que seu caminho deve ser diferente daquele que os homens seguem (OLINTO, 2011, p.69).

É importante ressaltar ainda que, enquanto há um significativo aumento geral da formação da mulher, nos cursos de graduação e de pós-graduação, durante crises econômicas há uma evidente diferença no número de desempregos entre homens e mulheres (GAUCHE; VERDINELLI; SILVEIRA, 2013, p.1).

A segregação horizontal se relaciona com outro tipo de segregação: a vertical. Essa, por sua vez, é ainda mais sutil que a horizontal, e é responsável por construir um ambiente que separa os gêneros por posição dentro dos locais de trabalho, com as mulheres se mantendo em posições mais subordinadas que os homens (OLINTO, 2011, p.69). A metáfora "teto de vidro" se refere a um fenômeno que impede o crescimento de mulheres a cargos mais elevados em praticamente todos os âmbitos (GAUCHE; VERDINELLI; SILVEIRA, 2013, p.1), e isso tem relação direta com os estereótipos de gênero disseminados na sociedade.

Homens são identificados com a agressividade, competitividade, assertividade e independência. Possuem características instrumentais, ou seja, estão interessados em questões técnicas, têm competências analíticas, ambição profissional, são orientados para o controle e a dominação. Estão voltados às engenharias, ciência e tecnologia, são vistos como inteligentes e criativos e, deficitários de habilidades sociais. Mulheres são identificadas como sensíveis, empáticas, passivas, submissas, dependentes, voltadas aos cuidados com o outro e preocupadas com o relacionamento interpessoal. Estão ligadas a termos socialmente menos apreciados como a intuição, subjetividade e o mundo privado. Tais categorizações refletem em assimetrias de gênero, reforçam e reproduzem estereótipos tradicionais de gênero. (GAUCHE; VERDINELLI; SILVEIRA, 2013, p.3, apud EAGLY; STEFFEN, 1984; MARGOLIS; FISHER, 2003; MENDICK, 2005)

Essas construções sociais a respeito do gênero acabam gerando expectativas a nível profissional, afetando as escolhas dos indivíduos, uma vez que estas dependem, entre outras coisas, das "perspectivas de sucesso e da importância e do valor dado a cada uma das opções possíveis" (GAUCHE; VERDINELLI; SILVEIRA, 2013, p.3, apud ECCLES, 1994). As pressões sociais tendem a falar mais alto do que as próprias motivações e predileções, e por isso as mulheres e os homens dão preferências a empregos mais "adequados" ao seu gênero (GAUCHE; VERDINELLI; SILVEIRA, 2013, p.3, apud XIE, 2006; WIGFIELD; ECCLES, 2000). Uma das consequências desse cenário é o não aproveitamento dos recursos humanos

disponíveis, considerando que há áreas completamente segmentadas por gêneros (GAUCHE; VERDINELLI; SILVEIRA, 2013, p.3).

Além disso, há a clara preferência por determinado gênero no processo seletivo de diversas profissões. Por exemplo, homens são escolhas mais óbvias para cargos de gestão, engenheiros, motorista de ônibus, entre outros; enquanto as mulheres são mais escolhidas para cargos como secretária, professoras de educação infantil, enfermeiras, entre outros (GAUCHE; VERDINELLI; SILVEIRA, 2013, p.5). As tidas como “profissões femininas” exigem das mulheres, basicamente, o mesmo desempenho do espaço privado, e por isso são desvalorizadas tanto em termos de prestígio quanto em termos monetários (DE SOUZA; CAMPOS; KRAEMER; MACHADO; CARVALHO; PRADO, 2016).

Um exemplo desse quadro é a Nutrição, que faz parte do grupo de “profissões femininas” por sua aproximação com a enfermagem (a primeira profissão feminina universitária), uma vez que as enfermeiras eram responsáveis pelos cuidados relacionados a alimentação dos pacientes (DE SOUZA; CAMPOS; KRAEMER; MACHADO; CARVALHO; PRADO, 2016, p.774). A Associação Brasileira de Nutrição, em seu primeiro boletim, mencionou a formação em Nutrição como de grande utilidade, principalmente para as mulheres, que poderiam cuidar da saúde da família e ter controle da economia doméstica (DE SOUZA; CAMPOS; KRAEMER; MACHADO; CARVALHO; PRADO, 2016, p.775, apud ANDRADE LP, 2003; 26:109-126).

A preferência pela mão de obra masculina também provém do fato de que a força de trabalho feminina é percebida, assim como a de etnias minoritárias ou de pessoas com deficiência física, como de valor inferior. Argumentam que a contratação das mulheres seria mais dispendiosa principalmente por conta dos custos relacionados à maternidade, além de estarem mais propensas a faltar por conta das obrigações familiares, a terem menos disponibilidade de horários, e a abandonarem/interromperem o percurso laboral (CASACA, 2009, p.6, apud BECKER, 1971, cit. in ANKER 1997, s/p).

Na esfera produtiva, as profissões que demandam força e trabalhos pesados, realizados em ambientes inóspitos, sujos e insalubres e em revezamento de turnos, geralmente são associadas a estereótipos masculinos, os quais requerem coragem e determinação, enquanto que a feminilidade é associada ao trabalho leve, fácil, limpo, que exige paciência e minúcia (RESENDE; MELO, 2016, apud HIRATA; KERGOAT, 2008).

É importante citar, também, as questões ligadas à qualificação dos trabalhadores, que pouca relação tem com a ocupação dos cargos preenchidos por homens e mulheres (CASACA, 2009, p.17-18, apud PHILIPS; TAYLOR, 1980, p.79). Para Braverman, a noção de qualificação estaria ligada a uma categoria mais objetiva que envolve três fases: a de concepção, a de planejamento e a de execução. No entanto, elas decorrem de um processo social e não estão dissociadas de variáveis como gênero e/ou etnicidade (CASACA, 2009, p.17, apud BRAVERMAN, 1977). Como explica Casaca (2009, p. 17), “homens e mulheres podem, objetivamente, deter as mesmas qualificações técnicas, e, apesar disso, estas serem valorizadas de modo desigual”.

## **2.5. MACHISMO E DIVISÃO SEXUAL NO AMBIENTE DA COZINHA PROFISSIONAL**

O ambiente da cozinha profissional, como parte expressiva do mercado de trabalho, não se apresenta como diferente deste em relação à divisão sexual e a opressão com as mulheres. Em contraposição com a tão disseminada frase “lugar de mulher é na cozinha”, a atividade dentro desse espaço, quando realizada profissionalmente é associada ao homem, e apenas na esfera doméstica se torna espaço da mulher (BRIGUGLIO, 2017). As mulheres sempre foram vistas como cozinheiras, enquanto os homens, como chefs (RESENDE; MELO, 2016, apud BARBOSA, 2012)

Essa diferenciação não surgiu recentemente e a história é marcada por relações desiguais entre homens e mulheres em respeito ao trabalho culinário profissional (BRIGUGLIO, 2017). O maior exemplo dessa situação é que os grandes chefs reconhecidos pela história são homens, podendo citar, entre eles, Maire-Antoine Carême e Ferran Adrià (BRIGUGLIO, 2017, apud DÓRIA, 2012). Além disso, nos primeiros escritos culinários, “as mulheres são descritas como indignas de confiança para preparar a comida de reis e nobres, assim como portadoras de inteligência inferior e menos habilidades para este trabalho”. No entanto, no lar, são consideradas como peça adequada para a preparação das refeições do dia a dia, sendo essa uma obrigação quase que exclusivamente feminina (BRIGUGLIO, 2017, apud SARTI, 2012).

Nesse cenário se ilustra perfeitamente os dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho, destinando o homem à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva, enfatizando que existem trabalhos de homem e trabalhos de mulher, além de uma

supervalorização do serviço quando feito pela figura masculina (BRIGUGLIO, 2017, apud KERGOAT, 2002; KERGOAT, 2009; HIRATA; KERGOAT, 2007).

Quando a mulher começa a entrar no espaço profissional predominantemente masculino, as raízes do machismo se sobressaltam em diversos aspectos, e as práticas dessa ideologia ainda são naturalizadas pela maior parte das pessoas. As justificativas para os pensamentos e atitudes machistas permeados nesse ambiente se dão de diversos âmbitos: o físico (o corpo da mulher seria inferior ao do homem principalmente em relação à agilidade, resistência e força); a dedicação (as mulheres teriam outras funções fora do trabalho que concorreriam com a dedicação quase que exclusiva necessária no trabalho, enquanto os homens não); e a sensibilidade natural da mulher (que lhe favorece mais nos espaços privados) em contraposição com a racionalidade do homem (necessária tanto em esfera pessoal quanto pública) (CARVALHO; SORLINO, 2017, p.195, apud MATOS, 2008; CHAUI, 1984).

Anthony Bourdain (1956 – 2018), figura importante no cenário gastronômico que atuou como chef, escritor e apresentador de televisão, em seu relato autobiográfico, descreve diferentes situações dos lugares em que trabalhou em que é possível identificar o comportamento machista dos trabalhadores, além do tom descontraído com o qual as histórias são relatadas. O ambiente se revela propício para práticas de assédio moral e sexual que afetam principalmente as mulheres, mas, segundo Bourdain, o sofrimento em maior escala se daria apenas pelo fato de que as mulheres são mais sensíveis (BRIGUGLIO, 2017, apud BOURDAIN, 2016, p.291-292). Consideradas por um coletivo de trabalhadores como brincadeiras saudáveis em um ambiente de maior descontração, reclamar dessas práticas, principalmente se o sujeito for mulher, é sinônimo de exclusão e tratamento diferenciado (BRIGUGLIO, 2017).

(...) sua descrição das cozinhas passa frequentemente por homens tentando provar uns para os outros quem é mais forte, quem é mais capaz, o que Bourdain sintetiza como “quem tem os colhões maiores”. Ao retratar um dos ambientes de trabalho pelos quais passou, ele conta como os cozinheiros se chamavam por nomes de mulheres, como uma forma de ofenderem-se e diminuírem-se, claro, “brincando”. (BRIGUGLIO, 2017, p.5, apud BOURDAIN, 2016)



O trecho acima exemplifica, mais uma vez, como a figura feminina é associada a um ser com menor valor em comparação ao homem. Dentro da cozinha, então, as mulheres teriam que adotar um perfil tido como mais “masculino” para obter respeito e firmarem-se como boas profissionais, sempre se mantendo resistentes em relação aos perigos da cozinha e evitando ao máximo as falhas na linha de montagem para não causar impactos em todo o trabalho, que é feito em equipe. Aquelas que não se “masculinizam” tem grandes chances de enfrentarem situações difíceis, considerando que as características masculinas de força e resistência são esperadas pelos profissionais da área (BRIGUGLIO, 2017).

Para sobreviver nesse ambiente, portanto, as mulheres precisam agir como os homens. Nas palavras de Bourdain (2016), “Tive a felicidade de trabalhar com mulheres realmente machonas – elas não tinham nada de dondocas”. (BRIGUGLIO, 2017, p.6, apud BOURDAIN, 2016, p.90)

Em entrevistas realizadas com nove chefs mulheres, Resende e Melo (2016) relatam em sua pesquisa diversas falas que contribuem para a análise da figura feminina dentro do ambiente da cozinha profissional. Descrito como um ambiente predominantemente masculino, algumas chefs contam problemas que tiveram durante seu percurso com homens que se recusaram a receber ordens de uma mulher, enfatizando ainda mais a inferioridade da figura feminina dentro desse espaço. Além disso, é possível perceber a ideologia machista permeada no próprio discurso das mulheres, que reproduzem ideias do senso comum de que a figura feminina é mais sensível e sentimental, possui menos força, faz fofoca, além de mais da metade delas acreditarem que cozinhar é algo natural do perfil feminino.

Em uma das entrevistas realizadas por Carvalho e Sorlino (2017) em sua pesquisa, é interessante observar a fala de uma das entrevistadas, que reforça a associação das mulheres à sensibilidade, afirmando ser impossível para ela “doar seu coração” em um serviço com mais de trinta pessoas.

Eu acho que é impossível para uma mulher fazer uma cozinha que serve cem pessoas. Eu não posso doar meu coração para um prato se eu estou servindo mais de trinta pessoas. Penso que isto pode ser verdade para a maior parte das mulheres chefs. Homens gostam do fator “uau” na cozinha, mas para nós mulheres é mais importante dar algo de nós mesmas. (Profissional H, 2007) (CARVALHO; SORLINO, 2017, p.198)

Nessa relação de dominação e opressão dentro da cozinha, constitui-se a divisão sexual das praças, que é responsável pela segmentação masculina e feminina no ambiente da cozinha por meio de tarefas consideradas mais adequadas para determinado gênero de acordo com a concepção de cada figura pela ideologia machista permeada na sociedade. Segundo Briguglio (2017, p.7), “há uma forte associação da grelha, do fogo e da carne com os homens”, sendo estas as posições de maior valor dentro da cozinha. Já as mulheres são associadas a trabalhos que demandam características consideradas como naturais da figura feminina, como, por exemplo, a delicadeza, a paciência, o cuidado e a atenção aos detalhes. Sendo assim, as mulheres são muito associadas, dentre outras, à área da confeitaria.

### 3. ENTREVISTAS, ANÁLISES E RESULTADOS

Por meio de entrevistas guiadas por um roteiro elaborado especificamente para esse trabalho (Apêndice 2), foram analisadas as respostas dadas por sete profissionais atuantes em diferentes áreas da gastronomia na cidade do Rio de Janeiro durante o período de março a maio de 2019. A escolha de profissionais de gêneros e áreas de atuação diferentes teve como objetivo principal a investigação de pontos de vista distintos.

Foram entrevistadas quatro mulheres, dentre elas uma confeitaria (M1), uma *sous-chef* de cozinha e cozinheira II (M2), uma confeitaria e dona de um estabelecimento (M3), e uma atendente (M4); e três homens, dentre eles um confeitaria e dono de um estabelecimento (M1), um chef executivo (M2), e um *sous-chef* de cozinha (M3). O perfil dos entrevistados se encontra mais detalhado no quadro à seguir.

**Quadro 1** – Dados de caracterização de perfil dos entrevistados identificados por sua codificação.

Código	Gênero	Idade	Estado civil	Filhos	Grau de escolaridade	Formação em gastronomia	Área de atuação	Cargo que ocupa
M1	Mulher	19	Solteira	Não	Ensino médio completo	Confeitaria Básica (SENAC)	Confeitaria	Confeitaria
M2	Mulher	27	Solteira	Não	Superior em andamento	Bacharelado em Gastronomia em andamento (UFRJ)	Restaurante e hotel	Sous-chef e cozinheira II (respectivamente)
M3	Mulher	27	Solteira	Não	Pós-graduação	Confeitaria e confeitaria clássica (SENAI)	Confeitaria	Confeitaria e dona

M4	Mulher	57	Solteira	Sim, duas	Ensino médio completo	Curso de coquetel e salada	Confeitaria	Atendente
H1	Homem	48	Casado	Sim, uma	Ensino médio completo	-	Confeitaria	Confeiteiro e dono
H2	Homem	42	Casado	Sim, uma	Ensino médio completo	Instituto de Culinária Americano	Hotel	Chef executivo
H3	Homem	33	Solteiro	Sim, dois	Ensino superior incompleto	Cozinheiro e chef de cozinha (SENAC)	Hotel	Sous-chef

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados coletados nas entrevistas.

Inicialmente, a análise das falas buscou observar as relações estabelecidas com a área e o profissional de confeitaria por meio das descrições feitas pelos entrevistados quando perguntados sobre este ramo específico da gastronomia. Dentre as palavras usadas para as descrições surgiram termos relativos à disciplina, delicadeza, precisão, criatividade, atenção e minúcia.

“Perfeccionista não, mas eu acho que no mínimo você tem que ser delicado. Não fazer aquela coisa bruta, ter um trabalho manual assim mais delicado.” (M1)

“Desde pequena eu nunca levei muito jeito pra essas coisas muito minuciosas, muito delicadinhas, e a confeitaria é delicadeza pura.” (M2)

“A confeitaria tem muito isso, ela é muito precisa. É a diferença da cozinha quente”. (M3)

“Bom gosto artístico, talvez... Minúcia. Acho que isso.” (H1)

“(...) é uma área que requer muita disciplina. Requer mais disciplina que cozinha, na minha opinião.” (H2)

“A pessoa tem que ser muito atenciosa, muito dedicada. (...) Ser criativo. A criatividade faz parte do confeiteiro. (...) Eu acho que precisa sim ter um pouco de confeiteiro quando você vai montar um prato. Porque o confeiteiro é muito detalhista, ele é muito atencioso. Como eu falo, às vezes eu tenho um cozinheiro muito atencioso, muito detalhista, e eu falo 'Você tem todas

as qualidades de um confeitiro. Você é cozinheiro, ótimo! Mas isso define um confeitiro'." (H3)

Quanto à visão em relação à mulher, a delicadeza (citada como “instinto da mulher” pela entrevistada M3), a sensibilidade, a precisão e o perfeccionismo são características associadas à mesma, além do cuidado e da maior atenção aos detalhes, segundo os entrevistados.

(...) eu acho que mulher é mais delicada, presta mais atenção em detalhes que homem não presta. (H1)

(...) se eu conseguisse uma mulher para a confeitaria, como chef da confeitaria, eu acho que a sensibilidade se apuraria e muito. Mas eu também posso estar errado; parte da pessoa, parte da educação dela, parte do que ela fez na vida... Mas, porém, as mulheres chegam sim a ser mais sensíveis que os homens, e eu gosto disso, mais na comida. Eu adoro. (H2)

Ainda sobre as características femininas, convém frisar a frase do entrevistado H2 ao falar sobre o comportamento dos homens quando há mulheres dentro da cozinha.

“(...) hoje em dia, uma brigada que tem mais homem, se a mulher aporta um... Indiretamente o comportamento melhora para os outros membros, os outros companheiros de equipe, postura melhor, tudo melhor. (...) Os caras voltam a ser educados. O que eles não são educados lá fora, eles são educados aqui dentro. Acho que por uma questão de... Não sei se é instinto animal, não sei o que.” (H2)

A educação e a melhora de postura por parte dos homens pode vir do fato de que a figura feminina é associada à delicadeza, paciência, cuidado e atenção aos detalhes, características consideradas “naturais” da mulher (BRIGUGLIO, 2017) e que se diferem do que é considerado “natural” do homem, evidenciando o quanto a construção social dos estereótipos de gênero não faz parte do entendimento do entrevistado.

Ainda dentro da temática de estereótipos de gênero, é importante destacar a fala do entrevistado H3 que, assim como o entrevistado H2, repete discursos que fazem parte da

construção social do perfil feminino, ao mesmo tempo em que coloca homens e mulheres como iguais dentro da cozinha, estabelecendo uma contradição.

“Não que seja da mulher, não é. Eu conheço muitas mulheres que são bem mais fortes, bem mais rígidas. Mas às vezes elas choram. Vão pro canto e choram, porque você cobrou o que deveria estar ali. E a gente fala que isso não pode acontecer. Que da porta pra dentro, na nossa visão, você não é uma mulher ou um homem, você é um profissional. E quando nós te cobramos, nós te cobramos por aquilo e não por ser você quem seja. (...) Entendemos também que as mulheres tem seu ciclo e tal, normal. Às vezes ficam um pouco mais sensíveis, isso não tem jeito, tem que saber jogar. Tem que saber a hora que eu posso falar, te cobrar. Às vezes tem que... Não aliviar... Mas acabar não cobrando. A gente deixa de cobrar pela situação daquele momento. Às vezes a pessoa tá naquele período e a gente não pode cobrar tão forte quanto deveria.” (H3)

A figura masculina, vista como um perfil mais agressivo, forte e objetivo (RIBEIRO, 2006, p.74), além de mais voltados para questões técnicas e deficitários de habilidades sociais, seriam, então, direcionados às áreas de engenharias, ciência e tecnologia (GAUCHE, VERDINELLI; SILVEIRA, 2013, p.3, apud EAGLY; STEFFEN, 1984; MARGOLIS; FISHER, 2003; MENDICK, 2005), e o confeitiro não faria parte desse perfil.

Sendo assim, é possível observar uma relação entre as características citadas quando os entrevistados são perguntados sobre a confeitaria com as características do perfil feminino, citadas ao longo das entrevistas em diferentes momentos. No entanto, quando perguntados sobre essa relação, alguns dos entrevistados destacam a associação com uma questão histórica da construção do perfil feminino, que era destinado a atividades mais delicadas e cuidadosas.

“Cara, eu acho que até certo ponto a confeitaria se associa mais ao feminino. Mas eu acredito que é muito mais por uma questão histórica das boleiras e quitandeiras do que uma questão de... Eu diria que hierarquia de cozinha, alguma questão assim. Eu acho que é muito mais histórico do que realmente ser uma área para mulher ou uma área pra homem, como é muito questionado na cozinha quente, porque realmente, dependendo do lugar que você vai, realmente é uma área que as pessoas levam muito para um lado de que é uma área pra homem e que mulher não aguenta.” (M2)

“Bom, isso é relativo, por ser algo cultural, de como era o mundo, porque teoricamente a mulher tem mais sensibilidade que o homem, mas é tudo mentira. A pessoa em si é sensível, independente de ser mulher ou homem; tem que ter uma sensibilidade muito grande pra trabalhar em cozinha, e mais ainda confeitaria, para finalização, estética, textura do que está fazendo. Mas pra mim não tem lei se é homem ou mulher.” (H2)

Em contraponto com as falas destacadas acima, uma das entrevistadas ressalta que vê muito mais homens confeitadores do que mulheres nessa posição e destaca o fato de que os homens não querem perder o lugar para as mulheres.

“Eu acho que eu vejo muito mais homens confeitadores do que mulheres confeitadoras. Eu acho que dentro da confeitaria ainda tem um certo preconceito. Não sei, eu acho que é medo mesmo deles perderem o lugar para as mulheres. Não é só na confeitaria não, eu acho que dentro da área de cozinha existe muito isso. Eu acho que o homem, ele tem muito medo de perder o cargo para as mulheres...” (M4)

Essa fala relaciona-se com a constante desvalorização da figura feminina, recorrente desde Aristóteles e Hipócrates. Resgatando as ideias de Colling, a mulher era vista como uma figura diferente, inacabada e inferior (COLLING, 2004, p.27), além de possuir uma inferioridade natural porque como ela possuía a capacidade de reproduzir seres humanos, não era capaz de produzir conceitos (COLLING, 2004, p.54). O homem seria a figura central e superior, tido como "modelo de perfeição" (COLLING, 2004, p.26-27).

Pode ser vista uma contradição na fala do entrevistado H3, *sous-chef* de um hotel, que, ao ser perguntado se em sua percepção a área de confeitaria sofre algum tipo de preconceito, ele afirma que sim, uma vez que algumas pessoas acreditam que essa área se direcione para as mulheres por ser muito delicada. No entanto, ao longo da entrevista, relata sua visão de que dentro da cozinha, diferentemente do mundo fora dela, todos são iguais, não havendo diferenciação de gênero.

“Ouvi alguns relatos de que 'Ah, confeitaria é lugar pra mulher, não é lugar para homem, é muito delicado, isso e aquilo...'. Como eu sempre falo, a determinação e o foco não define seu gênero. Se você vai ser mulher ou se

“você vai ser homem. Muito pelo contrário, é o que você quer, o que você acredita. Todos na cozinha são do mesmo gênero. Eu não vejo na cozinha uma mulher ou um homem, eu vejo profissionais. Então o tratamento nosso é igual. Quando nós cobramos (...), eu não tô te cobrando porque você é uma mulher ou um homem. Eu não vou aliviar porque você é mulher ou porque você é um homem. (...) O mundo lá fora não se compara ao nosso mundo [da cozinha]. Aqui dentro nós somos iguais. Nos quatro anos que eu estou aqui nesse hotel, eu faço questão de que todos sejam tratados de forma igual, sempre.” (H3)

Essa visão de igualdade não se reflete nos relatos de diversas profissionais de cozinha que destacam momentos em que o princípio de separação da divisão sexual do trabalho se mostrou presente dentro do ambiente profissional, dividindo as tarefas em “trabalhos de homens” e “trabalhos de mulheres” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599).

É interessante destacar a fala da entrevistada M3 que acaba fazendo uma comparação entre o trabalho dos homens e das mulheres dentro da confeitaria. É possível observar uma supervalorização das funções quando exercidas pela figura masculina, uma vez que as características necessárias para trabalhar dentro da confeitaria já seriam tidas como naturais da mulher. O homem, por outro lado, precisaria de um esforço maior para alcançar esse perfil, e por isso seu trabalho seria muito bem feito.

“(…) A cozinha quente você prova, tá faltando alguma coisa você vai lá e põe. A confeitaria não. Se você não botar uma grama exata, ele dá errado. Isso já é um instinto da mulher, essa delicadeza. Então, pro homem ter essa delicadeza, o dele é muito bem feito, eu reconheço dessa forma.” (M3)

Essa fala reflete as ideias de Bourdieu (2002, p.75) quando este aborda a temática da masculinidade como uma forma de nobreza; além do princípio hierárquico da divisão sexual do trabalho de que o trabalho feito pelo homem vale mais do que aquele exercido pela mulher (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599). Segundo Bourdieu (2002, p.75), “as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis, quando são realizadas por uma mulher”; completando, ainda, que isso pode ser visto na relação entre o cozinheiro e a cozinheira. Fora da esfera privada, quando exercida por um homem, a tarefa é enobrecida.

Além disso, segundo Bourdieu (2002, p.75-76), qualquer profissão, seja ela qual for, é vista como qualificada apenas pelo fato de ser exercida por um homem. Mesmo que a mulher possua grande qualificação, não há reconhecimento igual ao que os homens recebem. A exemplificar esse quadro, tem-se a fala da entrevistada M2 ao referir-se sobre sua atual chefe, que tem preferência por contratar mulheres justamente por esse cenário desfavorável (que, dentro da cozinha, ocorre principalmente na área da cozinha quente).

“(…) o discurso dela é que, dentro da cozinha, principalmente na cozinha quente, que é o forte de lá [do restaurante], que as mulheres não têm tanta oportunidade, que muitos lugares segregam muito. E que pra uma mulher entrar, ela realmente tem que ser muito boa no que ela tá fazendo.” (M2)

Esse cenário pode se relacionar com outro ponto da entrevista: ao serem perguntados sobre personalidades inspiradoras do meio gastronômico, surgiram diversos nomes masculinos (como Alex Atala, Buddy Valastro e Alain Ducasse) e somente alguns femininos (como Paola Carosella, por exemplo). Dos catorze nomes citados, apenas quatro são mulheres, e entre elas não há nenhuma confeitadeira. As respostas refletem as ideias de Bourdieu citadas acima, reforçando a ideia da masculinidade como uma forma de nobreza.

Outra questão abordada por dois entrevistados é a associação do homem confeitador à homossexualidade. Segundo Welzer-Lang (2001), o homem passa por um período de aprendizado do que é, na verdade, ser homem. Seria preciso se diferenciar do oposto (nesse caso, a mulher) para que não sejam assimilados e nem tratados como tal. Como explica Welzer-Lang (2001, p.465), “na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher”.

Desta forma, considerando o conceito heterossexista que define a heterossexualidade como universal e superior, os homens que não vivem sua sexualidade de uma forma heterocentrada são vistos como anormais e “passivos” (quando um homem deveria, na verdade, ser ativo). Além disso, por existir um conceito daquilo que é um “homem normal” ou “verdadeiro homem”, aqueles que se diferenciam do padrão são excluídos do grupo dos homens e são vistos como dominados, adentrando o grupo das mulheres, crianças e qualquer outra pessoa que não seja considerada um “verdadeiro homem” (WELZER-LANG, 2001, p.468).



As citações abaixo se aproximam do relato de Scavone (2008, p.3) quando menciona a frase “meu lado gay é sapatona”, dita por um aluno numa tentativa de justificar sua inaptidão para montar e decorar pratos.

“(...) eu acho que o homem que trabalha em confeitaria é tido como gay. (...) Porque é uma coisa mais delicada. Por aquele fenótipo, né, o homem fazer coisas mais brutas e as mulheres as coisas mais delicadas. Então quando essas coisas se invertem a tendência é que as pessoas te julguem pelo que você parece, por aquilo que você é. (...) Mesma coisa acontece com a confeitaria. Vê o cara fazendo frufu, florzinha, coloridinho... ‘Ah, isso é uma bichona!’.” (H1)

“(...) Eu acho que tem muito uma questão machista dos homens. Eu vejo muitos homens dentro do hotel que zoam e falam que os meninos da confeitaria são gays, e eles falam em termos bem baixos e escrotos. Existe essa zoação o tempo todo lá dentro e os meninos já levam na brincadeira, mas é uma questão que eu acho muito escrota. Acho que pelo cara ser delicado e tal, aí as pessoas já levam pro lado ‘ah, é afeminado, é bicha, é isso...’. Eu acho que sofre um preconceito nesse sentido, que não deveria, porque é uma área, uma profissão como qualquer outra.” (M2)

Uma das entrevistadas destaca o fato de que não sente o machismo dentro do seu local de trabalho e associa isso ao fato de que, além da equipe ser praticamente toda composta por mulheres, o único homem (e dono do local) é gay.

“O mundo é muito machista. Tipo, aqui eu não sinto muito isso, porque o meu chefe é gay e tal. E todo mundo é mulher aqui dentro.” (M1)

As questões de raça dentro do feminismo podem ser vistas quando o entrevistado H2, chef executivo de um hotel, fala das quatro stewards (profissional responsável pela limpeza da cozinha, exercendo tarefas como lavar a louça, o chão, as paredes, retirar o lixo, etc) com quem trabalha, que são mulheres. Inicialmente, a questão da raça não fica explícita, mas, ao ser perguntado sobre a cor da pele das quatro mulheres, responde que todas elas são negras.

“Como eu te falei: eu tenho quatro stewards trabalhando nessa engrenagem aqui e é um trabalho muito pesado, muito pesado. E elas trabalham

perfeitamente, sem nenhum problema. Correspondem perfeitamente. Então, é bom, é bom. (...) São todas de pele negra.” (H2)

Dentro desse cenário, é possível identificar uma relação com o pensamento de Nogueira (1999, p.44), quando este diz que a mulher negra é privada de viver qualquer aspecto da sua feminilidade. Além disso, as ideias de Carneiro (2003) também se vinculam a esse cenário, considerando que as mulheres negras nunca fizeram parte do mito da fragilidade feminina, porque trabalhavam desde o período da escravidão em lavouras ou nas ruas, e são excluídas do estereótipo feminino de beleza, que é a mulher branca.

O mundo do trabalho funcionaria, segundo Bourdieu (2002, p.73), como uma repetição da estrutura familiar, com os chefes (quase sempre homens), exercendo a autoridade paternalista, sobrecarregados de trabalho e protegendo seus subalternos, principalmente quando são mulheres. A pequena participação das mulheres nas posições de poder é explicada por diversos motivos que possuem como efeito uma diminuição da figura feminina. Um exemplo a ser destacado são os debates públicos, onde as mulheres precisam lutar pelo seu espaço de fala, e, quando o conseguem, frequentemente são interrompidas, passando a palavra para um homem (BOURDIEU, 2002, p.74).

Sendo assim, as mulheres, apesar do crescimento de sua participação no mercado de trabalho, ocupariam postos precários e vulneráveis, permanecendo as desigualdades salariais, de condições de trabalho e de saúde (HIRATA, 2002, apud BENERIA; FLORO; GROWN; MACDONALD, 2000; HIRATA, 2007). Quando perguntados sobre a quantidade de chefs homens e chefs mulheres com quem já trabalharam, os entrevistados afirmam ter trabalhado com muito mais chefs homens, alguns chegando a nunca ter trabalhado com uma mulher no posto de comando da cozinha.

Esse cenário piora ainda mais quando se fala das mulheres negras, que após o período escravagista, aceitavam trabalhos mal remunerados em nome de sua própria sobrevivência. As mulheres negras passam a pertencer a uma classe que é discriminada não só pelo gênero, mas também pela raça (OLIVEIRA, 2010, apud COLLINS, 2003; OLIVEIRA, 2010, apud DAVIS, 1982).

Dos locais de trabalho dos entrevistados, três eram específicos de confeitaria e três eram gerais, sendo dois hotéis e um restaurante. Quanto à relação entre gênero e divisão de praças dentro dos locais de trabalho dos entrevistados, é possível observar uma tendência no quadro de funcionários nos locais exclusivos de confeitaria selecionados para as análises desse trabalho. Dentre os oito funcionários da área de produção, apenas um é homem. Além

disso, não apenas dentro da cozinha o perfil feminino prevalece, mas também na área de atendimento ao público (atendente e barista).

Já nos dois hotéis e no restaurante, é possível identificar uma tendência contrária quando analisados os quadros de funcionários: dos treze funcionários atuantes na área de produção destinada à confeitaria, apenas duas são mulheres.

“Aqui é novidade mulher na confeitaria na minha chefia, que tem um ano e meio.” (H2)

Quando perguntados sobre essa tendência, os entrevistados dos locais específicos de confeitaria mostraram diferentes pontos de vista, que abrangiam desde uma preferência própria por trabalhar com mulheres até a relação com o ambiente da confeitaria, além de um preconceito por parte dos homens pela área ser considerada mais delicada.

“Eu acho que se fosse uma loja mais com aquela cara de cafeterias modernas, toda cinza e preta, pouca confeitaria... Eu acho que talvez eu contratasse um homem. Acho. (...) Eu não me incomodo [de trabalhar com homem], mas prefiro trabalhar com mulher. Se chegasse um cara bom pra caramba aqui e duas mulheres meia-boca, eu ia ficar com o cara bom pra caramba, é óbvio, né? Mas se tivesse um homem e uma mulher, os dois com capacidades iguais, talvez eu ia escolher a menina.” (H1)

“Eu acho que isso aí é o preconceito, é a confeitaria. Eu acho que o homem... ‘Ah, é confeitaria! Ai, mexer no doce...’. Eu acho que eles acham que é muito delicado mexer com doce, por isso que eu acho que não apareceu homem. Eu acho que se falasse assim: ‘ah, é uma cozinha, um restaurante, *self-service*...’ de repente apareceria homem, mas não apareceu. Todo mundo que colocava currículo, era só mulher.” (M4)

O entrevistado H1 relata um momento durante o período de seleção de baristas (profissional especializado em cafés de qualidade alta, responsável pela produção e/ou criação das bebidas à base de café) em que, segundo ele, pensou em contratar um homem por influência da esposa, que achava que um homem na loja deixaria o ambiente mais seguro. Quando o homem foi selecionado e recusou a vaga, o entrevistado relatou seu alívio, uma vez que não era de sua preferência contratá-lo.

“Cara, quando a gente abriu a loja, eu fiz as entrevistas junto com a minha mulher. Aí os atendentes eu fiquei entre duas meninas e um rapaz, mas o rapaz mais influência da minha mulher, porque ela achava a área aqui meio insegura, né... E achava que tendo um homem dentro da loja, além de mim, seria melhor. A gente não sabia que tinha segurança na rua. Aí a gente pensou em contratar o cara, mas aí o cara não pôde. Quando o cara disse que não podia, por um outro problema lá, eu não me lembro, mas ele recusou... Ele foi selecionado, mas quando a gente chamou ele, ele recusou. Aí eu fiquei até aliviado, porque eu não queria ele não. Eu só ia contratá-lo por causa da minha mulher.” (H1)

Ainda sobre as confeitarias, os entrevistados percebem que o número de currículos recebidos em processos de seleção também vem em maior número por parte das mulheres, como pode ser visto a seguir:

“(...) Ele [o dono] colocou anúncio e não apareceu um homem! Só aparecia mulher. Por incrível que pareça.” (M4)

“Eu recebo mais de mulher, bem mais de mulher. Uns 80% eu recebo de mulher. Recebo de homem, às vezes... Mas acho que até hoje eu recebi só um de homem que era dessa área. O resto era de outras áreas. Eu recebi só de um homem que era dessa área quando eu abri pra área de produção.” (M3)

“Eu acho que eu só recebi currículo de mulher... Ah, não, eu recebi de dois homens.” (H1)

Segundo Bourdieu (2002, p.17 e 41), a divisão dos sexos “parece estar presente na 'ordem das coisas' (...) funcionando como sistemas de esquemas, de percepção, de pensamento e de ação” e, sendo assim, tudo seria resumido à oposição entre feminino e masculino. A dominação masculina confere aos homens a melhor parte de todos os *habitus*, e as próprias mulheres reproduzem esse discurso dominante, uma vez que o poder simbólico necessita da adesão dos dominados aos dominantes. A violência simbólica se instala “no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações)” (BOURDIEU, 2002, p. 51). Tais ideias e conceitos se relacionam com o princípio de separação da divisão social do

trabalho, que, segundo Hirata e Kergoat (2007, p.599), é aquele que diz que existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; podendo ser a explicação para o número de currículos de mulheres em número muito mais expressivo do que os currículos de homens.

O princípio de separação da divisão social do trabalho pode ser visto na citação a seguir:

“(...) a mulher ela culturalmente... Ela foi direcionada a coisas mais delicadas. Você encontra mulher bordadeira, mas não encontra homem bordadeiro. É muito raro, né? Eu acho que isso aí é cultural. Eu acho que se o mundo tivesse caminhado de forma diferente, eu acho que não haveria tanta diferença no gênero. Mas como essa parte cultural fez essa diferenciação do homem fazer o trabalho mais pesado e a mulher fazer o trabalho mais delicado, isso... Não por genótipo, mas mais por fenótipo mesmo.” (H1)

A percepção dos clientes quanto à confeitaria é mencionada por dois dos entrevistados. O entrevistado H1, confeiteiro e dono de um estabelecimento, ao ser indagado sobre a curiosidade dos clientes em saber se ele é o responsável por fazer os doces, comenta sobre a surpresa dos mesmos quando descobrem que ele faz os doces expostos, acrescentando que, em sua percepção, acredita que isso não aconteceria tanto com a sua confeitaria por ela ser mulher. Já a entrevistada M3, apesar de não ter nenhuma experiência nesse sentido, acredita que o fato de ser mulher talvez possa influenciar na preferência por parte de quem vai encomendar pela ideia de que a mulher é mais cuidadosa do que o homem.

“(...) elas [as pessoas] não perguntam afirmando, perguntam com surpresa. ‘Ah! É você que faz os doces aqui?’ eu falo ‘sou’, ‘caramba!’. Acho que com a minha confeitaria não aconteceria tanto por ela ser menina.” (H1)

“Eu não tenho nada muito claro, eu acho que, de repente, até na hora das pessoas escolherem aonde vão encomendar um bolo, isso eu to deduzindo... Talvez isso possa contar, porque também existe um preconceito por parte de quem vai encomendar. Eu acho que na hora que você vê um homem e uma mulher, você acaba tendendo mais pro lado da mulher na confeitaria. Por ter já esse pré-conceito real, essa pré-opinião, de tipo, é mais cuidadosa, tem

mais cuidado... Mas eu nunca tive nenhuma experiência que mostrou isso muito claro.” (M3)

A associação da mulher à confeitaria não viria, então, somente dos profissionais de cozinha, mas também daqueles que consomem os produtos e serviços dos estabelecimentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história das mulheres foi escrita pelos homens e, por isso, ocorre uma sub-representação feminina no que se diz respeito à quantidade e qualidade com um discurso de superioridade masculina. Sendo assim, apesar dos avanços e conquistas promovidas pelo movimento feminista, ainda hoje é possível sentir o machismo como esfera estruturante na sociedade.

A existência dessa estrutura patriarcal no mercado de trabalho marca uma divisão sexual de tarefas que cria categorias do que seriam os trabalhos adequados para homens e trabalhos adequados para mulheres. Dentro da cozinha profissional esse cenário não muda, e, por isso, acaba por marcar uma divisão sexual de praças que segrega o espaço de trabalho, direcionando a mulher a áreas específicas, sendo uma delas a confeitaria.

Com base no levantamento bibliográfico e nas sete entrevistas feitas ao longo do trabalho, foi possível identificar a existência dessa associação pela proximidade das características consideradas “naturais” da mulher e as características da área e dos profissionais de confeitaria, como, por exemplo, a delicadeza e a sensibilidade. Essa associação diz respeito apenas à mulher branca, não se aplicando à mulher negra, que desde o período da escravidão já trabalhava nas lavouras e na rua, sendo excluída do estereótipo da fragilidade feminina. Nesse trabalho, as questões envolvendo a mulher negra foram apresentadas apenas de forma superficial para que houvesse o contraponto entre os chamados feminismo branco e o feminismo negro. No entanto, é reconhecida a importância de um estudo mais aprofundado sobre essa situação.

Observou-se também o estereótipo construído em torno do homem confeito que, por estar fora do padrão do “verdadeiro homem”, é visto como homossexual. Pelo fato do homem ser direcionado a tarefas mais brutas e a mulher a tarefas mais delicadas, quando esse cenário se inverte, o homem se associa a figura feminina, deixando de ser um “homem normal”.

Dos lugares de trabalho dos entrevistados, naqueles que eram específicos de confeitaria foi possível constatar um padrão feminino dentro das equipes tanto na cozinha quanto no atendimento. Além disso, os profissionais ressaltaram esse padrão também nos processos de seleção, pontuando que os currículos recebidos vinham em número muito mais expressivo das mulheres, e os dos homens, às vezes, nem chegavam a aparecer.

Com base nos relatos dos entrevistados, destacou-se também o fato de que essa associação não vem somente por parte dos profissionais de cozinha, mas também dos clientes. A questão foi abordada apenas superficialmente, uma vez que se mostrou conivente com o assunto aqui discutido, mas o estudo teve um direcionamento à visão dos profissionais de cozinha e não à visão dos consumidores.

Tomando como base a citação da obra norueguesa “O Mundo de Sofia” – que, ao citar o pensamento equivocado de Aristóteles quanto às mulheres, conclui a necessidade de ouvir a voz feminina na filosofia e na ciência –, é possível concluir a necessidade da presença das mulheres dentro das áreas da gastronomia não somente para ocupar cargos, mas para estabelecer um diálogo com os homens como forma de discutir ideias, além de estabelecer um equilíbrio desse cenário predominantemente ocupado pela figura masculina.

É reconhecida a necessidade de um aprofundamento maior nas questões propostas e analisadas pelo trabalho, uma vez que a discussão aqui elaborada trata-se de uma investigação inicial. O material contribui não somente para crescimento pessoal, mas com o repertório de materiais didáticos brasileiros, que apresenta uma necessidade de pesquisas acerca das temáticas que envolvem a construção da mulher, a mulher na gastronomia e o machismo nas cozinhas profissionais.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Fabiana Mortimer; SOUTHGATE, Alice Nogueira Novaes; BATTI, Érika Arcaro Bez. Desenvolvimento de sobremesas contemporâneas com base na diversidade brasileira. **RBG - Revista Brasileira de Gastronomia**, Florianópolis, 2018, p.34-59.

AMARAL, Lisandra. Cozinha profissional é lugar de mulher? Entrevista concedida a Jarid Arreas. **Revista Fórum** [online], abr. 2015. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/cozinha-profissional-e-lugar-de-mulher/>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

ANJOS, Amanda Kelly dos et al. **O machismo na mídia: Como a imagem da mulher é retratada**. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte - Manaus, AM, 2015.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferenças e igualdades nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica** [online] 2005, 17 (sem mês), ISSN 0103-5665. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291022005004>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, 136p. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4402676/mod\\_resource/content/0/Austin%20Quando%20dizer%20%C3%A9%20fazer.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4402676/mod_resource/content/0/Austin%20Quando%20dizer%20%C3%A9%20fazer.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2019.

AZERÊDO, Sandra. **Preconceito contra a “mulher”**: diferença, poemas e corpos [online]. São Paulo, Editora Cortez, 2017. Coleção preconceitos, vol.1. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XoM6DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=mulher&ots=bZZ9zqFwPN&sig=ReFMM3iB9YVxZTu6f-CkcO1d2xU#v=onepage&q=mulher&f=false>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin, 2011. **Snowball (Bola de Neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 7 a 10 nov. 2011.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicologia & Sociedade**, 24 (3), 577-587, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/3093/309326585010/>>. Acesso em: 17 jan. 2019.



BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida.** Tradução de Sérgio Milliter. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 2a ed., 1967.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual** [online]. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006, 256 p. Coleção sexualidade, gênero e sociedade. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kFs5milMfR8C&oi=fnd&pg=PA69&dq=g%C3%AAnero&ots=BjXRdoDVi4&sig=fNFEECyf6Lr40TZWBXaBJFSXN\\_k#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kFs5milMfR8C&oi=fnd&pg=PA69&dq=g%C3%AAnero&ots=BjXRdoDVi4&sig=fNFEECyf6Lr40TZWBXaBJFSXN_k#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 07 fev. 2019.

BRANDÃO, Silvana Soares; LIRA, Hércules de Lucena. **Tecnologia de Panificação e Confeitaria.** Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (CODAI); Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Pernambuco, 2011.

BRIGUGLIO, Bianca. **Cozinha é lugar de mulher?** Desigualdades de gênero e masculinidade em cozinhas profissionais. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: <[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498781075\\_ARQUIVO\\_biancabriguglio\\_cozinhaelugardemulher.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498781075_ARQUIVO_biancabriguglio_cozinhaelugardemulher.pdf)>. Acesso em: 04 mar. 2019.

BRITO, Leandro Teófilo de. **A noção de performatividade para pensar os sentidos atribuídos ao masculino no espaço da educação física escolar.** 2015.

BRITO, J.; OLIVEIRA, O. Divisão sexual do trabalho e desigualdade nos espaços de trabalho. In: FILHO, F. S.; JARDIM S. (Orgs.). **A danação do trabalho.** Rio de Janeiro, Te Corá, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução por Maria Helena Kühner, 2 ed., Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002. 160p.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Tradução por Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989. Disponível em: <[http://lpeq.quirica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU\\_\\_Pierre.\\_O\\_poder\\_simb%C3%B3lico.pdf](http://lpeq.quirica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU__Pierre._O_poder_simb%C3%B3lico.pdf)>. Acesso em: 17 mar. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Tradução por Mariza Corrêa. 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 1996. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3005706/mod\\_resource/content/0/Pierre\\_Bourdieu%20-%20Raz%C3%B5es%20Pr%C3%A1ticas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3005706/mod_resource/content/0/Pierre_Bourdieu%20-%20Raz%C3%B5es%20Pr%C3%A1ticas.pdf)>. Acesso em: 29 mar. 2019.

BURROS, Marian. 'Why I Am a Pastry Chef,' by Women Who Know. **NY Times**, 6 mai. 1992. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1992/05/06/garden/why-i-am-a-pastry-chef-by-women-who-know.html>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

BUTLER, Judith. **Excitable speech: A politics of the performative**. Nova Iorque, NY: Editora Routledge. 1997. Disponível em: <[https://monoskop.org/images/5/54/Butler\\_Judith\\_Excitable\\_Speech\\_A\\_Politics\\_of\\_the\\_Performative\\_1997.pdf](https://monoskop.org/images/5/54/Butler_Judith_Excitable_Speech_A_Politics_of_the_Performative_1997.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** [online]. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, recurso digital. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books/about/Problemas\\_de\\_g%C3%AAnero.html?id=\\_j5gDwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp\\_read\\_button&redir\\_esc=y#v=onepage&q=sexo&f=false](https://books.google.com.br/books/about/Problemas_de_g%C3%AAnero.html?id=_j5gDwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q=sexo&f=false)>. Acesso em: 23 abr. 2019.

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 201-213, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n2v3.pdf#page=83>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

CANEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 20 nov. 2014. Disponível em: <<https://vulvarevolucao.com/2014/11/20/enegrecer-o-feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

CARVALHO, Ana Clara de Rebouças; SORLINO, Fabiola Beatriz. **“Lugar de mulher é na cozinha”**: confissões femininas sobre o universo gastronômico. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, vol. 3. 2017.

CASACA, Sara Falcão. **Revisitando as teorias sobre a divisão sexual do trabalho**. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

CASTIM, Fernando. **John Austin e os atos de fala**. Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Pernambuco, jan/jun. 2017-1.

CASTRO, Mariana Ribeiro de; MAFFIA, Lyovan Neves. **Gênero na cozinha profissional**. XXXVI Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, RJ, 22-26 set. 2012.

**CHEF'S Table**. Criação: David Gelb. Produção: David Gelb, Brian McGinn, Matthew Weaver e Andrew Fried. EUA: Netflix, 2018. v.4., ep.1-4. Color. Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse?jbv=80007945&jbp=4&jbr=1>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

CURLEY, William; CURLEY, Suzue. **Pâtisserie: arte e técnica para profissionais**. Tradução por Elisa Duarte Teixeira. Barueri, SP: Editora Manole, 2014, 344p.

**COISA Mais Linda**. Direção: Caíto Ortiz, Hugo Prata e Julia Rezende. Produção: Beto Gauss e Francesco Civita. Intérpretes: Maria Casadevall, Pathy DeJesus, Fernanda Vasconcellos, Mel Lisboa, Leandro Lima e Ícaro Silva. Roteiro: Giuliano Cedroni e Heather Roth. [s.i.]: Netflix, 2019. Color. Disponível em:  
<<https://www.netflix.com/watch/80208379?trackId=200257859>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

COLLING, Ana Maria. A construção histórica do corpo feminino. **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 28, n. 2 – Jul./Dez. 2015 – ISSN online 1981-3082. Disponível em: <[www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/34170/18208](http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/34170/18208)>. Acesso em: 07 fev. 2019.

COLLING, Ana Maria. A construção história do feminino e do masculino. **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. In.: STREY, Marelene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PRENH, Denise R. (Orgs.). Coleção Gênero e Contemporaneidade, 1, Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2004, p.13-38.

COLLING, Ana Maria. O Corpo que os gregos inventaram. **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar** [online]. In.: STREY, Marelene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.). Coleção Gênero e Contemporaneidade, 3, Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2004, p.49-64. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kxKsI5Kb\\_74C&oi=fnd&pg=PA49&dq=representa%C3%A7%C3%A3o+da+inferioridade+feminina&ots=QIslnjxyQg&sig=dPq2O-PwaWqtRFg9HMppdzcmdcc#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kxKsI5Kb_74C&oi=fnd&pg=PA49&dq=representa%C3%A7%C3%A3o+da+inferioridade+feminina&ots=QIslnjxyQg&sig=dPq2O-PwaWqtRFg9HMppdzcmdcc#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 07 fev. 2019.

CORÓ, Giana Cristina. A sobremesa francesa dos anos 1950 aos anos 2000: evolução, consumo e patrimônio. **Questões & Debates**, Curitiba: Editora UFPR, n.54, p193-226, jan./jun. 2011.

DOMINGUES, Janaína. **Formação em gastronomia: ingredientes e temperos de um profissional**. 2008, 160 f. Dissertação de mestrado (Turismo e Hotelaria) Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2008. [Orientadora: Profa. Dra. Regina Céline Linhares Hostins]. Disponível em:  
<<https://siaiap39.univali.br/repositorio/bitstream/repositorio/1331/1/Janaina%20Domingues.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. Fundação Gilberto Freyre, Recife, Pernambuco. 48ª edição, Editora Global, 2003. Disponível em:  
<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/229314/mod\\_resource/content/1/Gilberto%20Freyre%20-%20Casa-Grande%20e%20Senzala.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/229314/mod_resource/content/1/Gilberto%20Freyre%20-%20Casa-Grande%20e%20Senzala.pdf)>. Acesso em: 19 mai. 2019.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. São Paulo, ed. Global, 1ª ed. Digital, 2013. Disponível em: <<https://grudars.files.wordpress.com/2019/02/nordeste-gilberto-freyre.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2019.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. Tradução por Leonardo Pinto Silva. 1 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

GATTI, Bernardete A. Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 595-608, set./dez. 2005.

GAUCHE, Susana; VERDINELLI, Miguel Angel; SILVEIRA, Amelia. **Composição das equipes de gestão nas universidades públicas brasileiras: segregação de gênero horizontal e/ou vertical e presença de homosociabilidade**. VI Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, Brasília, DF, 3-5 nov. 2013.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, mai./jun. 1995.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Está é a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 22, n.2, p.201-210, mai./ago. 2006.

HARRIS, Deborah A.; GIUFFRÉ, Patti. **Taking the heat: women chefs and gender inequality in the professional kitchen**. New Jersey: Rutgers Press, 2015. 286p. (1).

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cad. Pagu**, no.17-18, Campinas, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332002000100006&lng=pt&tlng=pt#nota0](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100006&lng=pt&tlng=pt#nota0)>. Acesso em: 22 jan. 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução de Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

IODICE, Giulianna. Cédric Grolet, eleito melhor pâtissier do mundo, abre loja nas redondezas do Hotel Le Meurice. 2018. **Forbes** [online]. Disponível em: <<https://forbes.uol.com.br/fotos/2018/03/cedric-grolet-eleito-melhor-patissier-do-mundo-abre-loja-nas-redondezas-do-hotel-le-meurice/>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

**ISTOÉ** [online]. Confeiteira francesa é eleita melhor do mundo com sobremesas (quase) sem açúcar. 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/confeiteira-francesa-e-eleita-melhor-do-mundo-com-sobremesas-quase-sem-acucar/>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos:** Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2. ed., Brasília, dez. 2012.

JOAQUIM, Teresa. **Menina e Moça.** A construção social da feminilidade. Lisboa: Fim de Século, 1997.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo.** Tradução de Miriam Nobre. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, p. 55-64, 2003. Disponível em: <<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf#page=55>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

LAGE, Fernanda de Carvalho; NASCIMENTO, Grasielle Augusta Ferreira. **O feminismo pós-moderno, a equidade de gênero e a condição de agente da mulher.** 2014. Disponível em: <<http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=dbe2ec22cee2bf46>>. Acesso em: 03 fev. 2019.

LESNAU, Marcilene Carmen da Silva. **Influência portuguesa na doçaria brasileira.** 2004, 68 p. Monografia (Especialização Em Gastronomia e Segurança Alimentar), Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília. Brasília. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/607>>. Acesso em: 24 mai. 2019.

LOPES, Débora. Cozinheiras falam sobre o machismo na profissão. 2016. **Vice** [online]. Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/bmn5k4/machismo-cozinha-brasileira](https://www.vice.com/pt_br/article/bmn5k4/machismo-cozinha-brasileira)>. Acesso em: 23 abr. 2019.

LOURO, Gueira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) – mai./ago., 2008.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=3yKuCQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA8&dq=a+medicina+e+a+mulher+no+s%C3%A9culo+XIX&ots=i3\\_ch4DX56&sig=Hxoqzn49S28erxemsWNQgiyk-hA#v=onepage&q=a%20medicina%20e%20a%20mulher%20no%20s%C3%A9culo%20XIX&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=3yKuCQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA8&dq=a+medicina+e+a+mulher+no+s%C3%A9culo+XIX&ots=i3_ch4DX56&sig=Hxoqzn49S28erxemsWNQgiyk-hA#v=onepage&q=a%20medicina%20e%20a%20mulher%20no%20s%C3%A9culo%20XIX&f=false)>. Acesso em: 04 fev. 2019.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu** (14) 2000: pp.13-44.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**, ano XIII, nº 135, 40-45, 1999. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/338406528/O-Corpo-Da-Mulher-Negra>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

OLINTO, Gilda. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil**. Inc. Soc., Brasília, DF, v. 5 n. 1, p.68-77, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, João Manuel de. **Os feminismos habitam espaços hifenizados – A localização e interseccionalidade dos saberes feministas**. Ex aequo, n.22, Vila Franca de Xira, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0874-55602010000200005&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0874-55602010000200005&script=sci_arttext&tlng=en)>. Acesso em: 02 abr. 2019.

O GLOBO [online]. **Um dos mais famosos confeitores do país, Diego Lozano traz escola ao Rio**. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/um-dos-mais-famosos-confeitores-do-pais-diego-lozano-traz-escola-ao-rio-21981116>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

PACHER, Andréia Maria. **O processo do ensino da confeitaria clássica nas disciplinas de confeitaria, nos cursos superiores de gastronomia em Santa Catarina**. 2014, 132 f. Dissertação de mestrado (Turismo e Hotelaria) Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú (SC), 2014. [Orientador: Prof. Carlos Alberto Tomelin, Dr. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Andr%C3%A9ia%20Maria%20Pacher.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

PEREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: dilemas de um conceito. **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Org.: Marlene Neves Strey, Sonia T. Lisboa Cabeda e Denise R. Prehn. Coleção Gênero e Contemporaneidade, 1, Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2004, p.173-198.

PLATÃO. **Diálogos**: Timeu, Critias, o Segundo Alcebiades, Hipias Menor. Belém: UPPA.GEU, 1986, p.154.

RAGO, Margareth. **Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos**. Depto. de História, UNICAMP, s.d.

RESENDE, Aline Marcelina; MELO, Marlene Catarina. **Lugar de mulher é na cozinha?** Uma análise com chefs mulheres sob a lógica da dominação masculina. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, Porto Alegre, RS, Brasil, 19-21 out. 2016.

RIBEIRO, Manoel P. Feminismo, machismo e música popular brasileira. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, ISSN 1678-3812, 2006.

SANTOS, Josimare Francisco dos. **Helena: representações da inferioridade feminina.** Seminário Cultura e Política na Primeira República: Campanha Civilista na Bahia, UESC. 9-11 jul. 2010.

SCAVONE, Naira. “O superchef e a menina prodígio”: as posições ocupadas pelos gêneros na gastronomia profissional. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis, 25-28 ago. 2008.

SENHOR, Bianca; PACHER, Andréia Maria; CRUZ, Rosana Arruda. **Importância da castanha do Brasil e seus subprodutos para a confeitaria.** Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Balneário Camboriú, SC, 2016.

SILVA, Sergio Gomes da. **Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos.** *Psicol. cienc. prof.*, vol.20, no.3, Brasília, set. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932000000300003&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932000000300003&script=sci_arttext&tlng=es)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

SOUZA, Liv Katyuska de Carvalho Sampaio de et al. **Gênero e formação profissional: considerações acerca do papel feminino na construção da carreira de nutricionista.** *Demetra*, 2016, 11 (3), 773-788.

SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de pensar a sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu. **Revista Ars Histórica**, ISSN 2178-244X, n 7, jan./jun., 2014, p.139-151.

SWINBANK, Vick A. The Sexual Politics of Cooking: A Feminist Analysis of Culinary Hierarchy in Western Culture. **Journal of Historical Sociology**, vol. 15, n. 4, dez. 2002, ISSN 0952-1909.

VENTURINI, Maria Cleci; GODOY, Ana Carolina de. Da beleza ao talento: novas formas de representação do feminino na gastronomia. **Entremeios: Revista de Estudos do Discurso**, v. 15, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/454.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.460-482. ISSN 0104-026X. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 25 maio 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura.** s.d.



**APÊNDICE 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “‘A mulher é mais delicada’: um estudo sobre a associação do perfil da figura feminina à área de confeitaria” desenvolvido por Letícia Madeira de Castro Santos. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada por Daniela Alves Minuzzo, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (21) 98126-5917 ou e-mail *daniela.minuzzo@gmail.com*.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é estudar a relação dos padrões sociais estabelecidos à mulher com a área de confeitaria.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e sua orientadora.

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador(a): \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) testemunha(a): \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE 2: Roteiro de entrevista**

### **Informações gerais:**

Idade:

Estado civil:

Tem filhos? Se sim, quantos?

Grau de escolaridade:

Possui alguma formação técnica em gastronomia? Se sim, qual?

Área de atuação:

Cargo de ocupa:

### **Perguntas:**

1. Em que momento da vida decidiu trabalhar com cozinha/gastronomia? O que te motivou a isso?
2. Como você chegou à posição em que está agora dentro do seu local de trabalho?
3. Como você descreveria a área de confeitaria?
4. Você acredita que alguma dessas características da confeitaria se associa mais a algum gênero?
5. Você percebe alguma tendência dos lugares ocupados por homens e mulheres dentro da cozinha nos locais em que já trabalhou?
6. Quantos homens e quantas mulheres trabalham no seu local de trabalho? Quais posições eles ocupam?
7. Quais características você acredita que seriam necessárias para ocupar alguma posição dentro da confeitaria? Você acha que essas características se associam mais a um gênero do que a outro?
8. Você sente diferença no comportamento de homens e de mulheres na cozinha?
9. Você sente diferença entre o tratamento dirigidos aos homens e às mulheres na cozinha?
10. Quais são as suas funções dentro do seu local de trabalho? Você já teve que substituir alguém em alguma área que não era a sua? Se sim, como foi a experiência?
11. Você tem preferência por algum gênero específico para trabalhar junto e/ou contratar?
12. Você consegue descrever algum momento em que o seu gênero foi fator determinante dentro do ambiente de trabalho?

13. Você acha que a área da confeitaria sofre algum tipo de preconceito?
14. Como você se percebe como profissional? O que considera como seus pontos fortes e fracos?
15. Quais são as suas maiores inseguranças dentro do local de trabalho?
16. Você tem algum(a) chef/cozinheiro(a)/gastrônomo(a) em quem se inspire?
17. Você tem alguma especialização? O que te motivou a escolher essa área em particular? Essa escolha foi influenciada por alguém? Se sim, você acha que seu gênero influenciou nessa recomendação?
18. Existe diferença entre o jeito que você se porta na cozinha e o jeito que você se porta na sua vida no geral? Se sim, quais? Por quê?
19. Você já trabalhou com chefs mulheres? E homens? Como descreveria as diferenças entre eles?
20. O que você prioriza no seu trabalho?
21. Quais são seus objetivos para o futuro? Você acha que o seu gênero influencia seus planos? Se sim, como?
22. Nos lugares em que você já trabalhou, quem era responsável pela parte de confeitaria?